

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**ROBSON TSCHÁ GIRARDELLO**

**GANIMEDES ESQUECIDO:  
REFLEXÕES SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**CURITIBA  
2010**

**ROBSON TSCHÁ GIRARDELLO**

**GANIMEDES ESQUECIDO:  
REFLEXÕES SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Analítica, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. M. Juliano Amui

**CURITIBA**

**2010**

“A alma, o mistério da alma, é esta a minha paixão. A alma é a interioridade de tudo que é vivo. A patologia e a psicologia clínica nunca me atraíram. A intenção em meu trabalho não é curar, mas cultivar a alma, favorecer a individuação. Sei, por experiência, que quando a alma reencontra sua vida, não há mais lugar para doença.”

Leon Bonaventure

## **RESUMO**

Faz-se aqui uma breve revisão de como o tema homossexualidade tem sido discutido na psicologia analítica. Para isso, foram considerados desde textos do próprio Jung e de alguns autores contemporâneos a ele até autores mais atuais que tratam especificamente do tema. Ao discutir homossexualidade é preciso tratar de assuntos como as diferenças entre masculino e feminino, os conceitos de animus e anima e a possibilidade da existência de um arquétipo andrógino. Também se verifica como a homossexualidade aparece na mitologia e na mídia. Contudo essas discussões abrangem aspectos sociais e culturais que não concernem apenas à psicologia analítica. Portanto, alguns autores que tratam do tema, mas de outras abordagens teóricas ou áreas de atuação, foram levados em consideração. Este trabalho vem com uma proposta de discorrer sobre essas questões em Psicologia Analítica, devido inclusive a sua importância na prática clínica.

Palavras-chaves: Homossexualidade. Psicologia Analítica. Masculino e Feminino. Animus e Anima. Arquétipo Andrógino.

## **ABSTRACT**

It is here a brief review of how the issue of homosexuality has been discussed in analytical psychology. To do so it has been considered Jung's own texts and some of his contemporaneous authors as more current authors that deal specifically about this issue. When discussing homosexuality, we must talk about issues like the differences between male and female, the concepts of anima and animus and the existence of an androgynous archetype as a possibility. It also verifies how homosexuality appears in mythology and the media. But these discussions embrace social and cultural aspects that concern not only to analytical psychology. Therefore, some authors that treat this subject, but in other theoretical approaches or activity areas were considered. This work comes with a proposal to discuss these issues in Analytical Psychology, including due to its importance in clinical practice.

Key words: Homosexuality. Analytical Psychology. Male and Female. Animus and Anima. Androgyny Archetype.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. HOMOSSEXUALIDADE NA PSICOLOGIA ANALÍTICA .....</b>	<b>10</b>
2.1 TEORIA CLÁSSICA SOBRE HOMOSSEXUALIDADE NA PSICOLOGIA ANALÍTICA .....	11
2.2 JUNG E A HOMOSSEXUALIDADE .....	15
2.3 NOVAS POSTURAS TEÓRICAS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE .....	18
2.4 GRAHAM JACKSON E AS CORES DOS HOMENS.....	23
<b>3. MASCULINO E FEMININO, ANIMA E ANIMUS .....</b>	<b>29</b>
3.1 CRÍTICAS À TEORIA DE ANIMUS/ANIMA.....	32
3.2 COMO FICAM ESSES CONCEITOS PARA A HOMOSSEXUALIDADE?..	35
<b>4. HOMOSSEXUALIDADE, CULTURA E ARQUÉTIPO .....</b>	<b>37</b>
4.1 QUESTÕES SOCIAIS E CULTURAIS ENVOLVIDAS NO CONCEITO DE HOMOSSEXUALIDADE .....	37
4.2 HOMOSSEXUALIDADE E ANDROGINIA NA MITOLOGIA E NA MÍDIA...	39
<b>5. DISCUSSÕES.....</b>	<b>45</b>
5.1 SOBRE AS QUESTÕES DE MASCULINO-FEMININO E ANIMUS- ANIMA .....	45
5.2 SOBRE JUNG E A TEORIA CLÁSSICA DE HOMOSSEXUALIDADE .....	49
5.3 QUAL O TRABALHO DO TERAPEUTA?.....	51
5.4 CONCLUSÕES .....	53
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Há pouco tempo pôde-se ver numa revista de circulação nacional uma reportagem de capa com o título “Gay e Feliz” (ROGAR & BORTOLOTTI, 2010). A reportagem fala sobre uma postura dos jovens gays e lésbicas sobre sua (homos)sexualidade, aparentemente mais informados e mais confortáveis consigo mesmo do que as gerações anteriores, e como seus pais reagem ao descobrir ou serem informados por seus filhos da homossexualidade destes. Há *um que* de deslumbrante, como se magicamente, de uma geração para a seguinte se tivesse uma transformação social imensa e uma tranqüilidade para se falar sobre sexualidade e homossexualidade. Entretanto, não é o que se verifica quando nos damos ao trabalho de verificar na mídia geral casos de opressão, perseguição e inclusive assassinatos que acontecem causados pelo preconceito. Na mesma época apareceu uma reportagem na mídia televisionada sobre o mesmo tema (Profissão Repórter, 15 de maio de 2010). Ali foi mostrado algo que se verifica também nos consultórios, a grande dificuldade que a “notícia” da homossexualidade pode causar tanto para os pais como para o próprio indivíduo que se descobre homossexual.

Outros exemplos muito claros de que as discussões e a aceitação da homossexualidade como uma das possibilidades normais de sexualidade foram os casos em 2009 do deputado Paes de Lira e da psicóloga Rozângela Alves Justino. Ele, suplente do falecido Clodovil Hernandez, solicitou a alteração da redação do artigo 1.521 do Código Civil para “nos termos constitucionais, nenhuma relação entre pessoas do mesmo sexo pode equiparar-se ao casamento ou a entidade familiar”, e é autor também do Projeto de Decreto Legislativo – PDC nº 1.640/09, que tentou anular a resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) 01/99 que proíbe que psicólogos tratem homossexualidade como doença; provando inclusive que desconhece que há outras questões envolvidas (como a retirada da homossexualidade como doença do DSM) e que a resolução do CFP é um reflexo delas. O deputado estava possivelmente tentando com este favorecer a amiga, a

psicóloga Rozângela A. Justino, que dizia curar homossexuais e mantinha um blog<sup>1</sup> que comparava o que ela chamava de “ditadura da homossexualidade” com o nazismo – “gayzismo”, em suas palavras. A resposta do CFP foi censura pública, mas ela já havia sido repreendida pelo CRP do Rio de Janeiro em 2007, e voltou a incorrer no mesmo erro. Apesar da censura, ela jurou continuar seu trabalho, e continua. Basta acessar seu blog, que continua ativo, para verificar que ela mantém uma postura contra a homossexualidade e promete a “cura” para uma “sexualidade normal”, apoiada em sua crença religiosa, mas justificando-se com o nome da Psicologia. (JUSTINO, 2009)<sup>2</sup>

O que chama mais atenção neste caso não é a homofobia, facilmente encontrada em qualquer busca rápida pela internet, mas o fato de uma psicóloga ir contra todas as resoluções científicas, médicas ou psicológicas, e contra resolução do CFP e o código de ética. E pior é verificar no relato de pacientes ou na leitura de autores que discorrem sobre a homossexualidade que esse tipo de atitude entre terapeutas ocorre diariamente, de forma tanto direta como indireta.

Etimologicamente<sup>3</sup>, o termo homo- vem do grego *homós*, e significa ‘semelhante, igual’; -sexual vem do latim *sexus/sexi* e é ‘relativo a sexo’; portanto homossexual é algo relativo ao mesmo sexo. Também aparecerão com frequência no texto as palavras homossexualidade, homossexualismo e homoerótico. O sufixo -ismo vem do grego *-ismós*, e do latim *-ismus,i*; sufixo primeiramente usado em medicina “para designar uma intoxicação de um agente obviamente tóxico”; no decorrer dos séculos XIX e XX, “seu uso se disseminou para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos”. E o sufixo –(i)dade vem do latim, e é um formador de substantivos abstratos derivados de adjetivos, segundo modelo latino; sem uma significação própria. Já erótico vem do grego *éros*, *érotos* e quer dizer ‘amor, paixão, desejo ardente’. Assim, as relações homossexuais podem ser apenas vistas como relações com o mesmo sexo, como podem ser entendidas como doença ou como movimento político-ideológico.

---

<sup>1</sup> <<http://rozangelajustino.blogspot.com>>

<sup>2</sup> Há outras referências sobre o caso na internet ou artigos de revistas, bem como o blog anteriormente citado. Os sítios de internet utilizados estão citados nas referências finais.

<sup>3</sup> A etimologia refere-se ao estudo da origem das palavras e aqui será apresentada segundo os dicionários Aurélio e Houaiss.

As definições dos atuais dicionários da língua portuguesa (brasileira). No dicionário Aurélio: “Caráter de homossexual; homossexualismo, inversão. [Antôn.: *heterossexualidade*]” (FERREIRA, [200?] - Dicionário Aurélio eletrônico); no dicionário Houaiss homossexualidade é considerada “mesmo que homossexualismo”, e este aparece como “a prática de relação amorosa e/ou sexual entre indivíduos do mesmo sexo” (HOUAISS, 2007).

Já nos dicionários de língua inglesa ela é um pouco distinta. No *Cambridge Dictionary* homossexualidade é definida como “*the quality of being homosexual*” [a qualidade de ser homossexual] e este como “*sexually attracted to people of the same sex*” [sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo] (*Cambridge Dictionary*, 2001); e o Merriam-Webster como “*erotic activity with another of the same sex*” [atividade erótica com alguém do mesmo sexo] (Merriam-Webster, 2010).

Aparentemente semelhantes, há pequenas distinções entre as definições, que poderiam ser muitas mais. O fato de aparecer no Dicionário Aurélio que homossexualidade é uma “inversão” pode dar a entender a velha idéia de que não é, portanto, o considerado correto; e a heterossexualidade aparecer como seu antônimo mostra que ainda há um entendimento de que são não apenas distintos, mas opostos. O próprio uso do termo homossexualismo nos dicionários de língua portuguesa reflete que a briga de estudiosos do assunto, que consideram a palavra ofensiva e que traz consigo a conotação da homossexualidade como doença, é desconsiderada. Essa questão aparentemente banal pode ser um reflexo de atitudes sócio-culturais relativas à homossexualidade.

Atualmente a homossexualidade é discutida em várias áreas, especialmente nas ciências humanas e biológicas. A psicologia sempre estudou a sexualidade humana, mas a forma como a homossexualidade é considerada e entendida varia de acordo com linha teórica; também se podem verificar diferenças numa mesma linha teórica em épocas distintas. Desde que a homossexualidade deixou de ser considerada doença, grande número de estudos têm sido realizados para tentar entender o fenômeno e como trabalhar com pacientes homossexuais.

Na psicologia analítica não é diferente, como afirma Kaufman (2009), livros e artigos têm sido publicados nos últimos anos [pelo menos em língua inglesa]

voltados a discutir o tema e procurando novas formas de trabalhar e entender a homossexualidade, não mais como algo patológico e que dever ser mudado. Entretanto, ele também afirma que há publicações atuais que ainda consideram a homossexualidade como perversão, desconsiderando suas questões arquetípicas (KAUFMAN, 2009).

A homossexualidade acontece desde os tempos mais remotos da história da humanidade. Já foi considerada algo comum e normal, até desejável em alguns casos, mesmo que não como homossexualidade exclusiva. Também já levou pessoas à prisão, por sua prática ser considerada um crime em muitos países e fazia parte do quadro de doenças mentais até a década de 70. Ainda é considerada tabu em muitas culturas, inclusive na cultura ocidental judaico-cristã (CROMPTON, 2006). Devido aos muitos entendimentos sobre o que é a homossexualidade, o que ela significa pessoal e socialmente, e ao preconceito que ainda envolve o tema, é preciso pensar qual o entendimento da psicologia sobre o assunto e qual o papel e a postura do psicólogo ao atender um paciente homossexual, bissexual ou transexual.

A intenção deste trabalho é verificar que tipo de entendimento a psicologia analítica tem da homossexualidade e, além disso, procurar na teoria o entendimento da homossexualidade – ou qualquer outra sexualidade – como normal, para que, a partir disso, se possa pensar o trabalho com pacientes livre do preceito de que se está lidando com alguém infantilizado, perverso ou doente.

## 2. HOMOSSEXUALIDADE NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Apesar de nascerem de idéias comuns, a psicologia analítica foi se modificando conforme novos terapeutas e autores foram aparecendo, muitos apresentando contradições nas teorias iniciais de Jung e seus colegas mais próximos. Com isso, pode-se dizer que hoje há mais de uma vertente na psicologia analítica. (BARCELLOS, 2004; SAMUELS, 1989)

Segundo Samuels (1989), há mais de uma maneira de se classificar essas diferentes vertentes, e ele apresenta como três escolas principais. Uma chamada de “*Escola Clássica*”, na qual se enquadram analistas e teóricos que utilizam principalmente a teoria inicial de Jung e de seus primeiros colaboradores. Entre esses autores estão Von Franz, Adler, Wolf e Jacobi. Outra vertente é a “*Escola de Desenvolvimento*” ou “*Desenvolvimentista*”, também conhecida como “*Escola de Londres*”, pois boa parte de seus analistas e teóricos são ingleses e, atualmente, norte-americanos. Sua intenção é de revisar e ampliar as principais idéias de Jung, muitas vezes aproximando-se de escolas psicanalíticas atuais. Os principais autores desta escola são Fordham, Neumann, Samuels e Morre, entre outros. (BARCELLOS, 2004; SAMUELS, 1989)

Por fim, há a vertente chamada “*Escola Arquetípica*”, conhecida também como “*Psicologia Arquetípica*”, que se fundamenta no trabalho com as imagens arquetípicas e se baseia na importância destas. Seu principal teórico é James Hillman, e pode-se dizer que essa área cresceu a partir de seu trabalho. Patricia Berry e Rafael López-Pedraza são outros autores bastante influentes desta vertente. (BARCELLOS, 2004; SAMUELS, 1989)

Desta forma, existem distinções entre os pensamentos dentro da psicologia analítica, e não parece haver uma única forma de pensar a homossexualidade, assim como não há em outras abordagens teóricas. Não é possível dizer que há um modo junguiano de pensar a homossexualidade; ao contrário, dentro da psicologia analítica há muitos pensamentos contraditórios, o que reflete a necessidade de cada vez mais estudos e atenção ao assunto. (KAUFMAN, 2009; MILLER, 2006, 2009)

O objetivo deste capítulo, portanto, é fazer uma revisão bibliográfica de alguns autores da psicologia analítica e seus conceitos sobre homossexualidade. Para tanto, devemos verificar o que Jung escreveu sobre homossexualidade bem como alguns de seus contemporâneos. Além disso, citaremos outros autores mais atuais da psicologia analítica que tratam ou trataram do tema com mais especificidade.

## 2.1 TEORIA CLÁSSICA SOBRE HOMOSSEXUALIDADE NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

A teoria clássica, ou escola clássica, é o campo teórico na psicologia analítica mais utilizado até os dias atuais, e busca basear-se diretamente nas obras de Carl Gustav Jung. Serão consideradas as posições de Von Franz (1992), referência quando se fala em homossexualidade masculina, de Sanford (2002) que retoma o mesmo conceito, e ainda Samuels (1989), sendo que este faz uma revisão da psicologia analítica e não uma formulação teórica própria.

Carl Gustav Jung não será totalmente considerado neste momento, pois há outras questões relevantes nas suas referências à homossexualidade que devem ser revisadas separadamente. Portanto, só será utilizado aqui o parágrafo que serve de apoio para a perspectiva da teoria clássica.

O texto de Jung mais referenciado pelos analistas no que se refere à homossexualidade é:

Em todo caso, neste estágio [idade adulta], um homem deveria conseguir ser um homem. À medida que cresce, o jovem deve poder libertar-se do fascínio pela alma, exercido sobre ele pela mãe. Há, no entanto, exceções, especialmente no caso de artista, onde o problema se coloca frequentemente de modo bastante diferente; o mesmo se dá com o

homossexual que em geral se caracteriza por uma identificação com a anima. (OC 9/1 §146)<sup>4</sup>

Este detalhe final, que a homossexualidade masculina se dá por uma identificação com a *anima*, foi aceita por muitos autores e ainda é utilizada por muitos terapeutas.

Tendo como base os escritos Von Franz, em seu livro *Puer Aeternus* (1992), a homossexualidade é basicamente uma identificação do *puer* com o aspecto feminino *anima*. Ela amplia uma idéia apresentada por Jung (OC 9/1) de que essa identificação resulta tanto em homossexualidade como no don-juanismo. Von Franz foi quem efetivamente postulou a idéia da homossexualidade relacionada com uma imaturidade no desenvolvimento egóico e a identificação com o feminino, representada pelo aspecto arquetípico da *anima*.

Von Franz (1994) afirma que todo homem com um complexo materno está sujeito a se tornar um *puer* e, por vezes, homossexual. Ela ressalta que o complexo é algo que acontece ao homem, não algo que ele faz a si mesmo. Afirma ainda que tanto ela quanto Jung verificaram, na experiência clínica, que “através do trabalho, o homem pode arrancar-se dessa espécie de neurose juvenil” (VON FRANZ, 1994, p. 162). Samuels (1989) fala brevemente sobre a homossexualidade na psicologia analítica, mas não parece ver em Jung uma propensão de procurar uma cura. Samuels (1989) diz que

O homossexualismo recebeu pouca atenção na psicologia analítica. Pelo que sei, nunca houve uma sugestão de que o homossexualismo fosse uma doença mental ou determinado biologicamente. Jung viu o homossexualismo no homem como resultado de um envolvimento excessivo com a mãe. Além disso, o lado masculino do homem homossexual, que na realidade está subdesenvolvido, é vivenciado na idealização e no fascínio pelo pênis. Jung tem muito pouco a dizer sobre o homossexualismo feminino, exceto que também decorre de envolvimento excessivo com a mãe. Assim, de modo geral, sua explicação é um tanto superficial. (SAMUELS, 1989, p. 269)

---

<sup>4</sup> Citação das Obras Completas de Jung conforme a padronização da Associação Junguiana do Brasil (abreviatura OC seguida do número do volume e parágrafo).

Ele mesmo tenta rever essa questão; diz que sua abordagem é de que existem dois tipos distintos de “homossexualismo”, sendo um tipo

[...] de uma intensa ferida narcísica causada por um genitor sem nenhuma empatia e que leva à busca de um parceiro que preencherá a lacuna em relação ao self. Assim, o parceiro não é vivenciado como uma pessoa separada, o que é facilitado pela igualdade anatômica. (SAMUELS, 1989, p. 270)

Outro seria de natureza mais edipiana, assim como se dá na heterossexualidade, se instalando de acordo com a dependência ou hostilidade com um dos pais (SAMUELS, 1989).

Essa postura de Samuels fica complicada, visto que a homossexualidade neste caso pode se dar tanto por identificação quanto pela falta dela ou hostilidade. E ao dizer que se dá da mesma forma que na heterossexualidade, não dá nenhum tipo de resposta. Sua conclusão é de que

Em geral, a psicologia analítica reconhece que é extremamente difícil dizer algo definitivo sobre o comportamento sexual. Considerável volume de trabalho analítico concentra-se em fazer com que o paciente aceite o fato de que sentimentos profundos por uma pessoa do mesmo sexo não são ‘homossexuais’, num sentido que implique uma fixação sexual. São sentimentos saudáveis e enriquecedores, provêm da bissexualidade psicológica. Enfim, quando falamos sobre o comportamento sexual de um indivíduo também temos que considerar isso do ponto de vista da força do ego e, particularmente, observar a frequência e a intensidade da ansiedade que os impulsos sexuais causam no indivíduo. (SAMUELS, 1989, p. 270)

A homossexualidade vista como imaturidade no desenvolvimento egóico aparece também no trabalho de Sanford (2002). Ele comenta que a homossexualidade masculina é bastante frequente como fantasia sexual entre os homens. O autor explica que se refere a “homossexualismo sempre que um homem sente desejo sexual erótico por outro homem, ou pelo órgão masculino”, mas ressalta que a sexualidade homoerótica aparece de várias formas distintas, tanto na prática quanto nas fantasias, e não devem ser pensadas de maneira uniforme. (SANFORD, 2002, p. 125)

Sanford (2002) fala primeiramente da possibilidade de um homem mais velho, geralmente de meia-idade, apaixonar-se por um jovem. Ele ressalta que, neste tipo de caso costumeiramente aquele teve uma vida heterossexual satisfatória e com filhos. Ele entende que isso ocorre num momento em que a procura pelo elemento feminino, que seria a metade que falta em um homem, dá lugar a um ser que representa os dois, um jovem que representa essa totalidade.

Esse jovem pode ou não ter aparência feminina, mas que “tipicamente ele tem um corpo forte e viril, mas igualmente possui certos atributos e dotes femininos que lhe dão uma qualidade bela, juvenil” e que este é “portador da projeção da alma andrógina do homem mais velho”, não sendo assim uma pessoa completa (SANFORD, 2002, p. 125-126). Ele relaciona seu trabalho com o de Von Franz (*The Feminine in Fairy Tales*, 1972 *apud* SANFORD, 2002) explicitando que o homem mais velho é um representante do pai para o mais jovem e que este, “andrógino e divino”, “representa o filho, o Eros e o aspecto eternamente jovem do si mesmo” (p. 127).

Outra possibilidade que, segundo Sanford (2002), costuma ocorrer com homens casados é um “anseio pelo contato com o órgão masculino”, desejo este que “surge de tempos em tempos”, mas não tem outro homem como objeto sexual. Sua conclusão é de que “tal desejo representa simbolicamente uma necessidade profunda de ligação com o Si-mesmo, representado pelo falo, símbolo do espírito criativo do masculino”. Isso se deve a uma exposição em excesso à mulher interior ou mesmo à exterior, que é considerada perigosa pelo homem, e para manter seu relacionamento precisa “de vez em quando renovar e consolidar sua masculinidade”. E, segundo o autor, é comum que tenha havido nestes homens “pouco amor entre mãe e filho, ou existiu o tipo errado de amor possessivo e envolvente” ou pode ser “falta de amor de pai”. O autor diz que esses “tipos de homossexualismo parecem representar um desenvolvimento masculino incompleto, ou surgem da projeção da imagem da alma numa forma andrógina”. (SANFORD, 2002, p. 128-130)

Por último o autor considera ainda outro tipo de homossexualidade, que chama de “homossexualismo clássico”, em que a *anima* desempenha papel dominante, com controle sobre o ego masculino, criando um “homem efeminado”. Para Sanford (2002), esses homens recusaram-se ou foram incapazes de realizar a

identificação masculina acarretando em um ego “hermafrodítico”. Explica que esses homens são exclusivamente homossexuais, “porque os opostos não podem relacionar-se nem unir-se enquanto não tiverem sido separados e distinguidos um do outro”. Sendo assim, Sanford diz que:

Esses homens podem ter muitas qualidades positivas. Podem ser muito sensíveis, frequentemente têm facilidade para conversar, não raro possuem qualidades delicadas e curativas e são dotados de inclinações artísticas. Nas comunidades primitivas, muitos xamãs (curandeiros) eram homossexuais, e em nossos próprios dias existem alguns indivíduos com dotes de cura que demonstram a mesma disposição homossexual. No lado negativo, eles podem ser mesquinhos, o que muitas vezes dificulta relacionamentos íntimos e duradouros. (SANFORD, 2002, p. 131)

Sanford (2002) indica ainda que homens heterossexuais também podem ser “sensíveis com dotes curativos ou inclinações artísticas”, de “personalidade potencialmente sensível e diferenciada”. Mas são entendidos, nestes casos, como “iniciados da Grande Deusa”, indicando que esse tipo de homem tem uma relação de numinosidade com a *anima*, podendo compreender o feminino em si e podem vir a compreender as mulheres. Ele ressalta que, nestes casos, o ego continua masculino e eles não são efeminados. A prática da heterossexualidade e o que o autor entende como homem não efeminado é o suficiente para que se entenda que estes homens estão diferenciados do feminino e possuem um ego masculino. Mas não parece haver lugar, na obra de Sanford, para a consideração de que um homossexual também possa ser um desses “iniciados da Grande Deusa”. (2002, p. 131-133)

## 2.2 JUNG E A HOMOSSEXUALIDADE

Como dito anteriormente, há um texto de Jung comumente referenciado pelos analistas clássicos quando falam de homossexualidade. Abaixo está o parágrafo completo:

Em todo caso, neste estágio [idade adulta], um homem deveria conseguir ser um homem. À medida que cresce, o jovem deve poder libertar-se do fascínio pela alma, exercido sobre ele pela mãe. Há, no entanto, exceções, especialmente no caso de artista, onde o problema se coloca freqüentemente de modo bastante diferente; o mesmo se dá com o homossexual que em geral se caracteriza por uma identificação com a alma. Em vista da conhecida freqüência deste último fenômeno [homossexualidade], concebê-lo como uma perversão patológica é extremamente questionável. Segundo as descobertas da psicologia, trata-se mais de um desligamento incompleto do arquétipo hermafrodita, unido a uma resistência expressa a identificar-se com o papel de um ser sexual unilateral. Uma tal disposição não deve ser julgada sempre como negativa, posto que conserva o tipo humano originário que, de certa maneira, se perde no ser sexual unilateral. (OC 9/1 §146)

Parece haver uma atitude de não julgar a homossexualidade como algo perverso e errado, e isso é ressaltado por outro autor junguiano chamado Hopcke (1993a). Ainda há outros momentos em que Jung tem esse tipo de postura:

Uma vez que “complexo materno” é um conceito da psicopatologia, ele vem sempre associado à idéia de dano e sofrimento. No entanto, se o tirarmos desse quadro patológico demasiado estreito, dando-lhe uma conotação mais ampla e abrangente, poderemos fazer menção também de sua influência positiva: no filho, produz-se, além do homossexualismo ou em lugar dele, uma diferenciação do eros (algo nesse sentido é sugerido no *Simpósio* de PLATÃO); ou então um desenvolvimento do bom gosto e da estética, fomentados pela presença de um certo elemento feminino; podem ainda ocorrer dons de educador aperfeiçoados pela intuição e tato femininos ou um espírito histórico conservador no bom sentido que preserva cuidadosamente todos os valores do passado. Pode ocorrer um sentido especial de amizade que tece laços extremamente delicados entre almas masculinas, e até resgata a amizade entre os sexos da condenação ao limbo da impossibilidade. Pode produzir uma riqueza do sentimento religioso, que ajuda a tornar realidade uma *ecclesia spiritualis*, e enfim uma receptividade espiritual que acolhe a revelação. (OC 9/1 §164)

Fala-se também do *amor entre rapazes*, entendendo-se com isto a homossexualidade que desde a época clássica da Grécia perdeu a aura de instituição social e educativa e está condenada a uma existência miserável e aterradora, chamada de perversão, ao menos no que diz respeito aos homens. Nos países anglo-saxões, porém, a homossexualidade entre mulheres parece significar ultimamente bem mais do que lirismo sáfico, na medida em que serve de suporte à idéia da organização social e política das mulheres, exatamente como a homossexualidade foi importante no surgimento da polis grega. (OC 10 §203)

A sequência abaixo, de três parágrafos, possivelmente seja a maior sobre o assunto em toda a obra de Jung:

Não é raro haver relações homossexuais entre estudantes, e em ambos os sexos. [...] Não falo aqui daqueles homossexuais patológicos que são incapazes de verdadeira amizade e, portanto, não são bem aceitos entre os normais, mas dos jovens mais ou menos normais que sentem uma amizade tão entusiástica um pelo outro que manifestam este sentimento também sob forma sexual. Não se trata nestes casos de masturbação mútua que era usual nos ginásios e internatos dos tempos passados, mas de uma forma superior e mais espiritual que merece o nome de “amizade” no sentido clássico da palavra. Se esta amizade ocorre entre pessoa mais velha e mais nova, não se lhe pode negar o aspecto educativo. Um professor, por exemplo, com leve inclinação homossexual deve muitas vezes seus brilhantes dotes educacionais a esta inclinação. Pode também a relação homossexual entre pessoa mais velha e mais jovem ser proveitosa para ambas e significar uma melhoria na vida. Condição indispensável para a validade desse relacionamento é a lealdade e constância da amizade. Isto muitas vezes não existe. Quanto mais declarado o homossexual, mais inclinado está à deslealdade e à simples perversão de menores. Mas também onde predominam a lealdade e verdadeira amizade pode haver conseqüências indesejáveis para a formação da personalidade. Este tipo de amizade significa um culto especial do sentimento, portanto do elemento feminino no homem. Ele se torna sentimental, expressivo, esteta, sensível, ou seja, efeminado. Este comportamento feminino não fica bem para o homem. (OC 10 §220)

Os mesmos aspectos positivos podem ser apontados na amizade entre mulheres, só que aqui a diferença de idade e o momento educativo têm menos importância. Serve mais para troca de sentimentos carinhosos, de mulheres temperamentais, intelectuais e algo masculinizadas que neste tipo de relação procuram apoio e supremacia contra o homem. Por isso sua atitude para com o homem é muitas vezes auto-segurança estranha e de certa resistência. O efeito sobre o caráter consiste num fortalecimento dos traços masculinos e perda do encanto feminino. Não raro o homem descobre sua homossexualidade quando percebe que uma mulher desse tipo o deixa mais frio que uma geladeira. (OC 10 §221)

Em casos normais, a prática da homossexualidade [entre jovens] não prejudica a vida heterossexual posterior. Ambas as práticas podem inclusive subsistir por certo tempo. Conheci uma mulher muito inteligente que viveu grande parte da sua vida numa relação homossexual e que aos cinquenta anos resolveu assumir um relacionamento normal com um homem. (OC 10 §222)

Sua posição possivelmente tem muita influência do pensamento da época, como o estereótipo de que os homossexuais são homens efeminados e mulheres masculinizadas, ou mesmo de que um relacionamento entre duas mulheres é apenas troca de carinho. Resumidamente, Jung fala certas vezes de características positivas em homossexuais e relações homossexuais, bem como tem dúvidas sobre um julgamento, mas outras vezes parte de estereótipos e patologiza a homossexualidade.

Essa ambigüidade na teoria de Jung e a pouca importância que parece dar à questão da homossexualidade, como indica Samuels (2002), tende a criar uma grande confusão entre os psicólogos junguianos quando se trata do tema. Hopcke (1993a) tem outra visão sobre isso, e afirma dedicar em seu livro *Jung, Junguianos e a Homossexualidade* (1993b) – a primeira e possivelmente a única revisão sobre o tema – dois capítulos inteiros apenas revendo o que Jung disse sobre homossexualidade, o que rendeu mais de cem páginas. (HOPCKE, 1993a, 1993b).

### 2.3 NOVAS POSTURAS TEÓRICAS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE

Quando se fala em visões diferentes sobre sexualidade, é preciso falar de June Singer, antes de falar de qualquer outro autor. Seu livro *Androginia* (SINGER, 1991) é referência em quase todos os trabalhos sobre homossexualidade e/ou bissexualidade para a maioria dos junguianos que não estão totalmente de acordo com a perspectiva clássica da homossexualidade como uma identificação primordial entre ego e os arquétipos *animus-anima*.

Singer (1991) afirma que quando pensamos em quem nós somos existe um saber “que não é nem culturalmente determinado e nem mesmo necessariamente o resultado das marcas de nossa infância” (SINGER, p. 99); e que algumas pessoas se tornarão heterossexuais, algumas homossexuais, outras bissexuais e outras assexuadas, independentemente de sua criação; pois crianças criadas de forma semelhante resultam orientações sexuais distintas e outras criadas de forma

bastante diferente possuem mesma orientação. Segundo a autora, cada criança reage durante a vida de maneira distinta para cada evento peculiar, de acordo com suas próprias potencialidades individuais e isso parece pouco afetar o desenvolvimento psicossocial.

Entretanto, Singer (1991) defende um aspecto andrógino inato da psique<sup>5</sup>, mas que o comportamento homossexual ou bissexual ocorre por circunstâncias ambientais aliada a questões possivelmente inatas. Mediante discussão de casos apresentados, a autora procurou evidenciar o aspecto/arquétipo andrógino, possibilitando ao paciente uma liberação sexual, mesmo que seja no que tange à suas fantasias. Essa liberação não é uma bissexualidade, mas não descarta a possibilidade proposta por Freud de que em essência todo ser humano é bissexual. Conta que sempre encontrou fantasias homossexuais em pacientes heterossexuais e vice-versa. Ela também ressalta que não há relação entre homossexualidade e imaturidade, nem de heterossexualidade e maturidade.

O foco do estudo de Singer não é a homossexualidade em si, mas a possibilidade de entender que, assim como há tanto hormônios masculinos como femininos no corpo de um homem ou de uma mulher, também há tanto questões ditas femininas como ditas masculinas em ambos. Ela fala das características consideradas masculinas e femininas como estereótipos, e ressalta que, quando questionados, todos enxergam em si qualidades de ambos os gêneros. (SINGER, 1991)

A autora parte de uma origem primordial indistinta, que passará pela diferenciação e terá como intenção final uma re-união dos opostos. Isso aparece na questão alquímica, tão estudada por Jung (OC 7; OC 14). Mas é o seu entendimento de um arquétipo andrógino que permitirá uma nova teoria da sexualidade, que entende qualquer sexualidade como normal e possível.

Já Robert Hopcke (1993a) é possivelmente o autor da psicologia analítica que mais tratou e ainda trata do tema da homossexualidade. Em seu livro *Jung, Junguianos e a Homossexualidade*, lançado em 1989 em língua inglesa e em 1993

---

<sup>5</sup> O andrógino tem relação à existência do masculino e do feminino dentro de todas as pessoas, que se separam e reúnem constantemente. Ele tem relação com o princípio-fim hermafrodita da alquimia, mas a autora afirma que o termo andrógino para sua teoria é mais adequado.

traduzido para a língua portuguesa, Hopke propõe-se a fazer uma revisão teórica sobre o tema desde Jung até seus autores contemporâneos – possivelmente Hopke tenha sido o único a fazê-lo. Segundo ele, as idéias sobre homossexualidade sofrem algumas variações na obra de Jung. Inicialmente ainda bastante ligado ao movimento psicanalítico, parece haver uma visão mais patologizante da homossexualidade. Há momentos em que parece haver uma noção de desvio quanto à homossexualidade, quase nunca julgador, se comparado com o moralismo da época. Depois passa a entender a homossexualidade como uma conseqüência de identificação com o contra-arquétipo sexual *animus* ou *anima*.

Para Hopcke (1993a), o que se torna a forma específica de compreender a homossexualidade para Jung é como um problema na relação parental, especialmente com a mãe. Entretanto, apesar de acreditar na “cura” de muitos casos, também parece ser bastante tolerante frente à homossexualidade (como também era Freud), novamente levando-se em consideração os padrões morais da época e contexto cultural. Sua preocupação era em busca do significado da homossexualidade em cada paciente.

O autor ressalta que a homossexualidade masculina é ainda, na psicologia analítica, diretamente relacionada a uma identificação com a *anima*, e por isso entendida como imaturidade psíquica (HOPCKE, 1993a). Ele ressalta que muitos autores, principalmente os primeiros junguianos, estão influenciados por todos os conceitos sócio-culturais de sua época e, com isso, falam da homossexualidade partindo de um princípio errôneo, de que a heterossexualidade é o “normal”, e qualquer variação é considerada desviante e anormal. Também estão muitas vezes partindo de idéias estereotipadas, dos homossexuais como efeminados e infantilizados, o que não se verifica em todos os casos e nem é o padrão. Mais importante aqui do que citar os detalhes do trabalho de Hopcke, é trazer seus apontamentos quanto aos conceitos sobre homossexualidade dentro da psicologia analítica, especialmente no que se refere à escola clássica, e verificar sua própria teoria.

Sobre o trabalho de Von Franz, Hopcke (1993a) ressalta que quando fala sobre a homossexualidade em seu livro *Puer Aeternus* (1992) ela

[...] examina o arquétipo do *puer* e discute a homossexualidade ligada a ele. Portanto, as afirmações de Von Franz a esse respeito são feitas no contexto de discussões sobre outras coisas e não se pode dizer de forma alguma que proponham algo tão grandioso como uma teoria da homossexualidade. Contudo, a ligação entre o *puer* e a homossexualidade masculina tornou-se quase um clichê nos meios junguianos, principalmente porque esse tipo de visão é a sucessora lógica da teoria e atitude de Jung de que os homossexuais identificam-se com o feminino, sendo então psicologicamente imaturos. (HOPCKE, 1993a, p. 106).

Tanto Singer (1991) como Hopcke (1993a), bem como muitos outros estudiosos da sexualidade humana, psicólogos ou não, ressaltam que terapeutas ainda tentem a entender a heterossexualidade como a via normal da sexualidade e baseiam seus princípios em estereótipos. A idéia mais comum na psicologia analítica é de que o homossexualismo masculino é uma identificação com a *anima*, mas parte justamente da idéia de que o homossexual é efeminado se comparado ao heterossexual, o que não se verifica na prática diária. Todas as posturas, desde as consideradas mais masculinas até as mais femininas podem fazer parte de qualquer indivíduo, independente de sua orientação sexual.

Hopcke (1993a) tenta propor uma nova teoria de sexualidade, que abarque qualquer possibilidade de sexualidade. Ele entende que há, além dos arquétipos masculino e feminino, o arquétipo andrógino do qual fala Singer (1991), e verifica que esse arquétipo aparece na cultura americana nativa. Sua teoria é de que toda sexualidade tem os três arquétipos como participantes da orientação sexual e que em todos os casos o que se faz é realizar as exigências do arquétipo andrógino, afirmando o que Singer tinha proposto como questionamento. “A teoria deve nos levar a questionar se o Andrógino – e não os opostos contra-sexuais conflitantes do masculino e feminino – é o deus que preside a orientação para a união heterossexual” (SINGER, 1991, p. 145).

Segundo o trabalho de Hopcke (1993a), o elemento andrógino na heterossexualidade já aparece em Jung, em seus livros *Mysterium coniunctionis* (OC 14) e em *A psicologia da transferência* (OC 16), como “símbolo da plenitude, o fim

da própria individuação”. O que ele verifica é que os homens podem ter características femininas e mulheres características masculinas (e quase sempre tem alguma), pois no plano arquetípico ambos têm “uma androginia muitas vezes reprimida pelos valores culturais” (HOPCKE, 1993a, p. 145).

A proposta é que, ao ver o relacionamento heterossexual pelo arquétipo andrógino, é possível pensar que os três arquétipos – andrógino, masculino e feminino – “devem funcionar em algum tipo de combinação” (HOPCKE, 1993a, p. 146) em todos os relacionamentos.

A grande diferença da teoria clássica para a teoria de Hopke sobre os relacionamentos, segundo ele mesmo, é que

A teoria junguiana da orientação sexual aqui proposta é talvez a mais importante para homens e mulheres gays, não só por contrariar essa tendenciosidade [de reproduzir o preconceito social contra homossexualidade], mas também por colocar a orientação sexual em terreno mais neutro. A sexualidade dos homens gays não é simplesmente uma questão monocórdica, uma fuga em relação às mulheres, uma identificação com o feminino, uma manifestação do Andrógino, mas uma questão polifônica na qual Pai-Filho, Mãe-Amante e o Self hermafrodita são todos postos em prática e influenciados por meio da ligação física e emocional com outro homem. Essa teoria funciona de modo semelhante para se compreender as mulheres homossexuais, cuja atração e ligação sexual com outras mulheres torna-se um profundo entrelaçamento entre Mãe-Filha, força do Pai e unidade andrógina, e não apenas um complexo de Deméter ou uma aberração do *animus*. (HOPCKE, 1993a, p. 146)

O melhor exemplo de que sua teoria pode ser aplicada é seu texto *O Relacionamento Homossexual como Veículo para a Individuação* (1994). Apesar de o autor não fazer relação direta com sua proposta anterior, ele explicita como os opostos aparecem num casal homossexual tanto quanto num casal heterossexual, e que essas oposições não são, portanto, “inerentes a uma ‘masculinidade’ ou ‘feminilidade’ culturalmente atribuídas” (p. 141).

## 2.4 GRAHAM JACKSON E AS CORES DOS HOMENS

Jackson (1994, 1996) fala que a dualidade, a questão dos opostos, bem como sua separação e posterior re-união e “a tensão entre eles tem sido fato inegável da condição universal” (JACKSON, 1994, p. 9). Ele verifica na obra de Jung essa tensão dos opostos como condição para que a individuação possa progredir. Ele discorda, entretanto, da idéia de Jung e outros junguianos de que a individuação só possa ocorrer através da união com o sexo oposto, de que somente nesta condição o componente contrassexual *animus* ou *anima*, relativa à oposição masculino e feminino interiores, possam ser trabalhados.

Se isso fosse verdade, um grande número de pessoas, entre elas padres, monges, celibatários e homossexuais, seria excluído não apenas do contato satisfatório com sua alma como também do acesso ao Si-mesmo. Tais pessoas teriam seu desenvolvimento psíquico paralisado ou interrompido. (JACKSON, 1994, p. 10)

Ele reafirma que essa idéia de desenvolvimento falho se reflete na teoria junguiana, que afirma por vezes que a homossexualidade provém de um não desligamento do homem com a mãe, identificando os homossexuais como *puer*. Ele verifica nisso uma visão causal e reducionista, típico de outras linhas psicológicas, utilizada na psicologia analítica. Ele cita o Banquete de Platão (1966) que já prevê, nas divisões dos homens e mulheres, tanto homo quanto heterossexualidade.

Jackson, ao discutir os homossexuais masculinos, busca argumentos não causalistas, mas “imagens, fantasias e metáforas – em resumo, nos fundamentos arquetípicos” (JACKSON, 1994, p. 14), que confirmam a realidade amplificação e esclarecimento.

Ele define quatro cores para os homens, divididas em pares de opostos, que poderiam ser desenhadas num formato de cruz. Na posição vertical estão os homens amarelos, acima, e os verdes, abaixo. Na horizontal os vermelhos, à esquerda, e os azuis, à direita. Os primeiros seriam homens naturais, “seu vínculo erótico pertence à natureza”. Em algumas de suas descrições ele dirá que o encontro deles tem, por vezes, um caráter numinoso; é um encontro do terrestre e

físico – o verde – com o celeste e espiritual – o amarelo. Os outros são homens culturais, o azul tem “a compreensão exata e calculada do ambiente”, e o vermelho é quem atribui valor a uma experiência neste ambiente. Ele explica que esses eixos se relacionam da mesma forma que os da tipologia junguiana intuição-sensação e pensamento-sentimento, mas que eles não tem relação direta e objetiva com os tipos. Ele explica detalhadamente cada um destes tipos, dando inclusive várias formas pelas quais cada um pode se apresentar<sup>6</sup> e exemplificando cada tipo de homem e de relação com vários exemplos míticos e mitológicos de várias culturas, bem como exemplos nas artes, especialmente literatura – em sua maioria livros britânicos para os relacionamentos verde-amarelo e americanos para os azul-vermelho.

Desta maneira, ele formula uma teoria bastante distinta e específica para os relacionamentos entre homens, ressaltando não apenas a homossexualidade, mas também o homoerotismo, este entendido como qualquer tipo de relacionamento de amorosidade entre dois homens sem a obrigatoriedade do contato sexual físico.

Seu primeiro livro, *A Tradição Secreta da Jardinagem* (1994), dedica-se principalmente à explicação do relacionamento tipo homem verde com homem amarelo. Ele diz que sua união representa a união do Céu com a Terra, e que sua “*coniunctio* é a própria Criação” (p. 97); eles “representam dois tipos de consciência e inconsciência, duas espécies de espírito e matéria, criatividade e receptividade, luz e escuridão” (p. 98). Ele resume o valor da relação do verde com o amarelo, em todas as suas possibilidades, da seguinte maneira:

A aceitação do verde pelo amarelo como o próprio princípio vital e a aceitação do *insight* do amarelo pelo verde como ferramenta que irá refinar sua existência constituem a principal ação comum a todos os setores. Isso nos conduz à questão central, ao verde-amarelo como valores e energia que circulam entre e dentro de cada homem. (JACKSON, 1994, 107)

Uma das formas deste tipo de relação, de um homem verde com um amarelo, é uma interação *puer-senex*, que normalmente se dá entre um homem mais velho e

---

<sup>6</sup> Essa pormenorização não será realizada aqui por não ser relevante ao trabalho. Para maior esclarecimento verificar os livros de Jackson (1994, 1996).

um mais jovem, possivelmente a forma mais discutida e apresentada em literatura, mitos e rituais. O autor verifica rituais de iniciação reais que existem ou existiram em que esse tipo de relação acontece, tanto de forma temporária como definitiva. Via de regra, eles representam no rito, através da penetração e da passagem do sêmen, que o mais jovem recebe a masculinidade-virilidade do mais velho. É importante ressaltar que, em muitos casos, esses ritos classificam uma passagem dos meninos-verdes que irão se tornar os homens-amarelos, e repetirão futuramente o rito em seu novo papel. Esse tipo de iniciação, do homem mais velho com o mais jovem, também pode se dar de várias formas que não sexual, sem por isso perder seu caráter homoerótico, como de um professor para um aluno ou mesmo de um aluno mais velho para um mais jovem. O que o mais velho recebe nessas relações, segundo Jackson, é uma possibilidade de entender o amor entre os homens, que é compensatória às atividades básicas das culturas normalmente destrutivas e guerreiras onde esses ritos acontecem. O amarelo recebe junto com isso prazer, libertação, êxtase; e o verde recebe valor, conhecimento, consciência e virilidade. (JACKSON, 1994)

Outra forma de relação verde-amarelo é uma relação de “companheiros-de-armas”. Neste caso, o verde não é representado pela juventude ou androginia, mas como uma espécie de jardineiro, que valoriza a Mãe Terra e sua fertilidade. Mas seu cultivo só dá frutos quando se associa a um homem amarelo, que irá celebrar seus valores não cultuados pelo próprio verde. Neste tipo de relação, qualquer distinção de classe, cor, credo ou outro tipo será menos relevante que o “impulso de associar-se” (JACKSON, 1994, p. 159). O maior exemplo disso é de soldados que lutaram nas trincheiras, e que falam de seus parceiros com afeto, independente de suas orientações sexuais. (JACKSON, 1994)

O mais significativo mito da relação verde-amarelo é o mito de Apolo e Jacinto. Ele pode ser visto tanto como do jovem Jacinto e o deus Apolo, na qual a morte de Jacinto o leva a se tornar também imortal, portanto passa de verde para amarelo; como pode ser visto como uma interação de dois jovens camaradas. (JACKSON, 1994)

Jackson usa a metáfora da jardinagem para o relacionamento entre os homens verdes e amarelos, uma união com um fim comum; e para o relacionamento

entre azuis e vermelhos ele escolhe “os cuidados com a casa, considerando-os uma operação que permite que os homens tenham um sentimento de permanência e continuidade, o azul fornecendo o conhecimento técnico e o vermelho, o ponto de vista estético” (JACKSON, 1996). Seu segundo livro, *Mistérios da Sala de Estar* (1996), descreve principalmente esse último tipo de relação.

Jackson (1996) afirma que o relacionamento azul-vermelho reflete a guerra dos sexos da atualidade, neles se pode encontrar o pai e mãe arquetípicos e suas “instituições culturais do masculino e do feminino, com seus lemas separados de poder e amor respectivamente” (p. 15). O azul seria um homem dito masculino, e o vermelho o costumeiramente chamado de efeminado. O autor verifica que o amor entre os homens foi substituído aos poucos, inclusive nas lendas e mitos, do eixo verde-amarelo para o azul-vermelho. Isso possivelmente seria reflexo cultural da sociedade, que foi jogando o relacionamento homoerótico cada vez mais para a marginalidade, sendo finalmente rechaçado pelo cristianismo romano, que via todo tipo de homossexualidade como vermelho-feminina e, portanto, de tentação e perigo. Desta forma, o relacionamento entre os homens azuis e vermelhos virou uma guerra que antes era apenas entre homens e mulheres. Mas isso não impede que façam laços fortes e, com isso, equilibrar seu próprio masculino e feminino interiores e culturais. (JACKSON, 1996)

As diferenças entre as relações verde-amarelo e azul-vermelho podem ser vistas, principalmente nos seguintes parágrafos:

[...] o encontro do amarelo com o verde é o pré-requisito de qualquer relacionamento profundamente criativo entre homens. Os homens azuis e vermelhos, que dominam até mesmo o mundo homossexual, vivenciam um Eros nascido de suas diferenças [...], conhecem a numinosidade do Outro. Como homens culturais, contudo, suas tarefas são basicamente preservadoras, defensivas e talvez refinadoras, das conquistas criativas básicas que os homens verdes e amarelos fizeram para a cultura; elas talvez também forneçam os meios para que as realizações avancem. Para que o vermelho e o azul se tornem criativos, eles precisam se associar ao eixo amarelo-verde – e algumas vezes o fazem. (JACKSON, 1994, p. 109-110)

Apesar de tudo os dois eixos também trabalham em conjunto. O verde e o amarelo plantam a semente; o azul e o vermelho consolidam, preservam, refinam e aprimoram o que os esforços conjuntos do verde e do amarelo

produzem. O impulso original pertence ao verde e ao amarelo, e o que é feito com esse impulso, ao azul e ao vermelho. [...] Enquanto os relacionamentos verde-amarelos possuem frequentemente a numinosidade do encontro com o si-mesmo, o poder superior da psique, os relacionamentos vermelho-azuis demonstram a fascinação exercida pela sombra. (JACKSON, 1996, p. 15)

Jackson ressalta que todo relacionamento conhecido se encontra sempre “em andamento” (1996, p. 178) e que, portanto, os modelos por ele proposto não são estáveis e imutáveis. Os papéis podem mudar num mesmo homem, tanto de um relacionamento pra outro quanto num mesmo relacionamento. Isso é ainda mais perceptível, segundo o autor, nas relações entre homens azuis e vermelhos. Aparência mais masculina ou mais feminina, bem como gosto mais técnico ou estético, podem não refletir as posturas de cada um na dinâmica do casal. Ainda assim, para o autor, cada homem tem uma essência que tende para ser de uma cor, mas essa experimentação de outras cores/posturas através de si e do outro é que dão equilíbrio e criatividade a cada homem e aos homens em relação.

Jackson (1996) também verifica que os dois eixos são internos e existem potencialmente em cada homem. Alguns homens só conseguem viver um dos eixos, mas isso causaria uma vivência cindida, já que os eixos são complementares. “Em nível individual, isso significa simplesmente que o espírito criativo original do homem [eixo verde-amarelo] encontra o perfeito aliado na sua capacidade de trazê-lo em segurança ao mundo [eixo vermelho-azul] (p. 192)”. Os eixos funcionam internamente mais ou menos como a idéia dos tipos junguianos; um homem vermelho terá o azul como seu oposto-sombra, e ou amarelo ou verde como seu auxiliar; um homem amarelo terá o verde como oposto e azul ou vermelho como auxiliar. Assim, o trabalho com o oposto do eixo auxiliar/secundário é mais fácil que com o oposto-sombra principal, mas o entendimento e o equilíbrio sempre se fazem necessários. Por isso, é comum que os relacionamentos se dêem com os opostos. (JACKSON, 1996)

O autor entende que a *anima* dos homens homossexuais não é em nada diferente da dos heterossexuais; apenas seu vínculo é que não se dá através de uma mulher-amante real. A *anima* continua existindo, enquanto elemento contrassexual na psique masculina, e precisa ser trabalhada nos homossexuais, ela

apenas toma outra forma, como mãe, “irmã, filha, musa, velha sábia, *femme inspiratrice*”. Ele afirma que a *anima* nos homossexuais costuma aparecer como um par de figuras femininas no inconsciente, geralmente a *femme inspiratrice* e a “irmã de alma”. A irmã de alma é “semelhante ao ego, solidária com suas metas e ansiosa para concretizá-las”. Já a *femme inspiratrice* tende a ser relacionada com sua cor inferior, é seu contrário, e “serve como inspiração para que ele empreenda uma jornada para as terras desconhecidas do tipo oposto”. (JACKSON, 1996, p. 210)

### 3. MASCULINO E FEMININO, ANIMA E ANIMUS

Como boa parte dos conceitos em torno da homossexualidade está ligada à questão dos arquétipos masculino e feminino, e que na teoria clássica a homossexualidade é quase sempre considerada uma identificação com *animus* ou *anima*, é preciso rever também, antes de qualquer conclusão, qual essa relação entre Masculino e Feminino, *animus* e *anima*.

Para Whitmont (1990), “ao introduzir o conceito de Logos-Eros, Jung iniciou uma abordagem para o entendimento da polaridade masculino-feminino, em termos de implicações arquetípicas mais amplas” (p. 153), relacionando Eros com relacionamento psíquico e Logos com interesse objetivo. Jung (OC 9/2) parece deixar claro que os termos Eros e Logos são usados como conceitos de apoio para dizer

[...] que o consciente da mulher é caracterizado mais pela vinculação ao Eros do que pelo caráter diferenciador e cognitivo do Logos. No homem, o Eros, que é a função de relacionamento, via de regra aparece menos desenvolvido do que o Logos. Na mulher, ao contrário, o Eros é a expressão de sua natureza real, enquanto que o Logos muitas vezes constitui um incidente deplorável. (JUNG, OC 9/2 §29)

As noções de masculino e feminino são comumente relacionadas em psicologia analítica com as noções orientais de *yang* e *yin* (JUNG & WILHELM, 1996; SINGER, 1991; WHITMONT, 1990), o que, segundo Whitmont (1990) é mais adequado e evita que o conceito de Eros-Logos seja entendido como característica definitiva dos arquétipos masculinos e femininos, pois aqueles seriam apenas certo aspecto destes.

O Yang e o Yin incluem “masculinidade” e “feminilidade” como princípios gerais ou imagens simbólicas, mas esse uso dos símbolos não deve ser confundido com masculinidade e feminilidade enquanto características diretas dos homens e das mulheres. No mundo da manifestação concreta, tudo toma parte nas várias proporções de Yang e Yin, inclusive os homens e as mulheres. Esses princípios básicos são representações puramente

simbólicas das energias que incluem aquilo que comumente chamamos masculinidade e feminilidade. (WHITMONT, 1990, p. 153)

Segundo Whitmont (1990) *yang* é o criativo, o gerador, impulsividade e rebelião. É calor e luz, símbolo fálico, que tem poder de penetração, luta, criação e destruição; é o espírito; é “positivo e entusiasmado, mas também restritivo e ascético”. Ao contrário, *yin* é o “receptivo, dócil, retraído, frio, úmido, escuro, concreto, envolvente”, “o ventre escuro da natureza” ao invés de espírito; “é negativo, indiferenciado e coletivo”. Ele ressalta que os termos positivo e negativo não tem valor ou julgamento, apenas descrevem energia “emanadora e iniciadora” (*yang*) e “passiva ou receptiva” (*yin*). Whitmont (1990) fala de Wilhelm (2002), que explica que “o poder primordial obscuro, maleável e receptivo de Yin [...] é o perfeito complemento do Criativo, a contraparte, não seu oposto, pois o Receptivo não combate o Criativo, mas o completa” (WILHELM, 2002, p. 33)

Whitmont (1990) diz que homens e mulheres são mais do que macho e fêmea simplesmente, que segundo a biologia, corre tanto hormônios femininos nos homens como masculinos nas mulheres; há elementos recessivos masculinos na mulher e vice-versa; portanto, “o postulado de uma masculinidade recessiva na mulher (o *animus*) e da feminilidade recessiva no homem (a *anima*)” observado por Jung, “pode ser entendido e aceito como análogo às descobertas biológicas” (pág 159). Isso ressalta que masculinidade e feminilidade têm predominância relativa, e não totalmente depende do sexo biológico. Há predominância do *yang* manifesto no homem e o *yin* funciona em segundo plano e o contrário ocorre na mulher.

Mas é preciso observar que estamos falando em predominância em vários graus; há aquilo que poderíamos chamar de homens motivados pelo feminino – ou Yin – e mulheres motivadas pelo masculino – ou Yan. Além do mais a predominância não deve ser confundida com consciência. (WHITMONT, 1990, p. 159)

Desta forma, *animus* e *anima* operam em segundo plano, são o homem inconsciente na mulher e a mulher inconsciente no homem; e por serem necessariamente inconscientes funcionam de modo inferior e inadaptado, até serem diferenciados através de esforço consciente. Um homem pode ser parcial ou

totalmente inconsciente de sua masculinidade bem como a mulher de sua feminilidade, e suas características manifestas podem modificar ou mesmo (con)fundir-se com seu *animus* ou sua *anima*; assim, por exemplo

[...] o homem insuficientemente masculino é compensado por uma anima masculinizada do tipo amazona, a mulher masculinizada, por um animus fraco ou efeminado. A deficiência que isso acarreta na adaptação pessoal é frequentemente compensada por masculinidade ou feminilidade pseudopessoal, imitada [...]. As variações de interação Yang-Yin na determinação da personalidade dominante e recessiva podem, portanto, modelar vários tipos de expressão masculina e feminina. (WHITMONT, 1990, p. 160)

Desta forma, a *amina* é o *yin*-feminino-Eros inconsciente no homem, e o *animus* é *yang*-masculino-Logos inconsciente na mulher. São forças arquetípicas e tendem a funcionar como personalidades separadas, autônomas.

Em Jung (OC 7/2; OC 9/2) a relação se dá de forma mais direta entre Masculino-Logos e sua contraparte sexual *anima*, e Feminino-Eros e sua contraparte sexual *animus*. Singer (1991) resume a teoria de Jung:

Anima, a palavra latina para “alma”, é do gênero feminino; refere-se ao elemento feminino que existe no homem e que, segundo Jung, permanece em grande parte inconsciente. Como a consciência “normal” do homem é preponderantemente masculina, sua alma, ou anima, torna-se receptáculo dos processos inconscientes que nele ocorrem constantemente. Da mesma forma, Jung postulou uma alma masculina, ou animus, para a mulher, como portadora de seu inconsciente. Anima e animus são os opostos contrassexuais que formam a base da teoria psicosexual de Jung [...]. (SINGER, 1991, p. 45)

Jung (OC 7/2) fala da impossibilidade de alguém ser totalmente masculino ou totalmente feminino:

Não há homem algum tão exclusivamente masculino que não possua em si algo de feminino. O fato é que precisamente os homens muito masculinos possuem (se bem que oculta e bem guardada) uma vida afetiva muito delicada, que muitas vezes é injustamente tida como “feminina”. (OC 7/2 §297)

Emma Jung (1995) não modifica de forma alguma a visão de *animus* e *anima*, mas trabalha a necessidade de reconhecer este outro do sexo oposto que está dentro de cada um, com suas necessidades. É através da consciência que o aspecto feminino do homem e o masculino da mulher pode ser aceito e trabalhado, evitando assim que constelem de forma autônoma e negativa.

### 3.1 CRÍTICAS À TEORIA DE ANIMUS/ANIMA

Muitas autoras têm debatido e recusado o conceito original do *animus* e *anima* (mas especialmente daquele), dentre elas Demaris Wehr (1994). Ela ressalta que na teoria original o pensamento é considerado função inferior na mulher e a possibilidade de vínculos emocionais como inferior no homem. Ela aponta como esse tipo de formulação está dirigida por pressupostos estereotipados;

Um deles [dos pressupostos] é o de que a biologia funciona como boa analogia para a psicologia, como se o pensamento do homem fosse caracterizado por uma qualidade penetrante, nítida, incisiva, e a consciência da mulher fosse caracterizada pela perceptividade, pela produtividade e pela passividade. (WHER, 1994, p. 48)

A autora ressalta ainda que no modelo de contrassexualidade de Jung prevê que o consciente de um sexo é o inconsciente no outro; mas explica que, na verdade, as qualidades femininas no homem, sua *anima*, não é diretamente igual à mulher real; assim também, o *animus* é diferente de um homem de fato. Ela recusa ainda a idéia de que homens e mulheres são opostos e inversos “tanto biológica como psicologicamente” e que as projeções iniciais se dão do filho para a mãe e da filha para o pai. Afirma o que se verifica na prática é que “a mãe é primeiro objeto das projeções do bebê, para ambos os sexos. Esse fato sem dúvida reveste o ‘feminino’ de numinosidade, tanto para homens como para mulheres”, e que isso implica em reformulações para o conceito de *animus/anima*, pois

se as mulheres são o primeiro objeto das projeções de ambos os sexos, então num sentido muito real ambos os sexos podem responder ao conceito junguiano de anima, em particular na sua forma maternal e de deusa. (WHER, 1994, p. 51)

Segundo Wher (1994) há uma desvalorização do feminino na teoria clássica de *animus* e ela verifica isso como um reflexo de questões sociais e históricas, que gera um sentimento de opressão internalizado, de autodesvalorização nas mulheres. Para ela, quando Jung (OC 9/2) diz que uma mulher dominada pelo *animus* argumenta de maneira ilógica e irritante, isso é um ponto de vista relativo; e ela pergunta para quem essa mulher parece ilógica e irritante? Ou seja, ela entende que esse pensamento parte de um julgamento que está culturalmente influenciado. A autora afirma que a idéia de *animus*=masculino=Logos é resultado de um ponto de vista da sociedade patriarcal que tende a excluir a mulher das posições de poder e autoridade, bem como seu direito à racionalidade.

McKenzie (2006) faz uma severa crítica à teoria de *animus/anima* de Jung: “o arquétipo está em um processo dinâmico na organização corpo/mente e o sentimento de gênero que surge desse mesmo processo dinâmico não é previsível ou estático como na teoria de *animus/anima* de Jung”<sup>7</sup>. (2006, p. 415)

Segundo a autora toda a teoria de masculino e feminino em Jung e em grande parte dos autores junguianos está diretamente relacionada à teoria de *animus* e *anima*. E a teoria *animus/anima* diretamente relacionada ao gênero. Mas ela ressalta que, ao tratar pacientes homossexuais, bissexuais ou transgênero não faz sentido pensar em *animus/anima*. Ela cita o trabalho de Singer sobre androginia, mas também explica que, apesar de novas concepções ao tratar da sexualidade, seu trabalho permite que a mulher pense seu lado masculino e o homem seu feminino de uma forma mais aberta; entretanto, não permite melhor entendimento das complexidades da sexualidade humana, especialmente no que se refere à homossexualidade.

Gênero e identidade do gênero são muito mais complexos e fluidos, tanto em casais do mesmo sexo quanto em casais de sexo oposto, do que

---

<sup>7</sup> Livre tradução.

qualquer modelo de união de opostos poderia começar a descrever. A aparência relativa a um gênero nem sempre prevê o papel sexual sendo interpretado entre os parceiros. Karen, uma lésbica de meia-idade, veio para a terapia para trabalhar sua identidade sexual e suas ansiedades em sair do armário. Ela se sentiu confusa sobre se intitular lésbica, porque depois de quinze anos de casamento heterossexual, ela descobriu que se sentia mais feminina com sua nova amante lésbica do que ela jamais sentiu enquanto uma mulher heterossexual. Karen perguntou: 'Como posso ser uma lésbica se me sinto mais mulher agora?'"<sup>8</sup> (McKENZIE, 2006, p. 409)

Sua posição sobre a sexualidade, identidade sexual e identidade de gênero sugere que, mesmo indiretamente, autores que procuraram bases arquetípicas da homossexualidade e a possibilidade de um entendimento de que a individuação é possível também para homossexuais colocaram em xeque a teoria de *animus* e *anima* de Jung, que ela chama de heterossexista. Mas ela deixa claro que o problema relativo a essa questão simplesmente não foi resolvido.

Segundo a autora, sua teoria de gênero tem intenção de desconstruir a relação que se faz entres identidade de gênero, sexo biológico e os sentimentos de gênero. Ela deixa claro que, em seu trabalho clínico, não verifica questões parentais nos casos de transgênero. Ela cita autores que consideram que existe uma bissexualidade inata na psique, e afirma que a maturidade se dá pelo retorno à consciência dessa bissexualidade, do masculino e feminino interiores que existem em todos. Ela esclarece que sua teoria também não resolve o problema da teoria de *animus* e *anima* para a homossexualidade, mas que os conceitos de *anima* e *animus* não são utilizáveis na clínica, pelo menos com pacientes homossexuais e transgênero.<sup>9</sup>

Ela adentra ainda em discussões acerca dos estudos de neurociências, que têm verificado várias outras relações entre hormônios pré-natais e sexualidade; tentado verificar questões cerebrais distintas entre as diferentes sexualidades, mas nada é verdadeiramente conclusivo. Ela fala dessas pesquisas para inserir uma

---

<sup>8</sup> Livre tradução.

<sup>9</sup> A teoria completa da autora é bem mais complexa que isso, fazendo uma junção de arquétipo, esquema imagético, experiências corporais relativas a masculino, feminino e andrógino; bem como questões endócrinas pré e pós-natais e questões culturais envolvidas. Apesar de interessante, é muito complexa e expô-la ou discuti-la possivelmente iria mudar completamente o foco do presente trabalho.

questão de que, caso alguma tenha sucesso, poderia comprovar que homossexualidade ou qualquer tipo de sexualidade é não só arquetípica, mas instintiva antes de tudo. Entretanto, há preocupação quanto a esse tipo de estudo, visto que, ao invés de entender que todas as sexualidades são possíveis e naturais, podem tentar verificar como fazer com que homossexuais sejam “curados” antes mesmo de nascer, patologizando novamente qualquer variação de orientação sexual.

### 3.2 COMO FICAM ESSES CONCEITOS PARA A HOMOSSEXUALIDADE?

Os autores que falam de homossexualidade em psicologia analítica tendem a recusar a idéia de que ela provém da identificação com o arquétipo contrassexual interno, a identificação do homem com sua *anima*, seu feminino e da mulher com seu *animus*, sua sombra masculina. Raramente eles excluem ou negam a existência desses arquétipos (HOPCKE, 1993a, 1993b; JACKSON, 1994, 1996; LINGIARDI, 2002; MCKENZIE, 2006; MONICK, 1993), mas relatam novas formas de vê-los ou trabalhar com eles.

Singer (1991) fala que os arquétipos *anima* e *animus* formulados por Jung certamente têm relação e podem ser verificados; entretanto, ela crê que na atualidade os homens estão mais conscientes de sua *anima*, de sua feminilidade, assim como as mulheres de seu *animus*, de sua masculinidade. Para ela já é aceito que masculino e feminino fazem parte de todos os seres humanos, porém é preciso para de tentar decidir qual é a dominante em cada um e passar a perguntar “*Como esses aspectos [masculino e feminino] dentro de cada um de nós se relacionam um com o outro?*” (SINGER, 1991, p. 50). Lembrando que para ela o trabalho de individuação se dá pela aceitação de ambos e deve levar à androginia, a importância é que haja uma relação pessoal interna de equilíbrio entre masculino e feminino dentro de cada um. Ela ressalta que os pares-polaridades, assim como masculino-feminino, só funcionam interligados, um não tem validade sem o outro.

Apesar de seu entendimento de que, junto com a diferença anatômica, existe algo de essencialmente masculino e essencialmente feminino, Singer (1991) também ressalta que muitas diferenças consideradas essenciais são na verdade histórica e culturalmente constituídas; o que causou durante décadas um sexismo que rebaixava as mulheres numa sociedade patriarcal. Essas idéias também podem ser verificada em Monick (1995) e Wehr (1994). Para esta, a sociedade está num processo de valorização da mulher, que pode diminuir a misoginia; o que pode ser diretamente relacionado com a ideia de Singer (1991) de que se está caminhando para uma sociedade mais andrógina.

É preciso ainda levar em consideração o trabalho de Walker (1994) que fala em um “auxiliar interno do mesmo sexo”, “O Duplo”. Seu conceito pode ser diretamente relacionado com o de androginia de Singer (1991), pois ele explica que

O duplo e a anima/animus são iguais e complementares e formam um todo, de natureza andrógina. Por exemplo, a anima contém as imagens arquetípicas da mãe, da filha, da irmã, da namorada. O duplo masculino, então, contém as imagens do pai, do filho, do irmão, do namorado. Assim como uma mulher pode servir para a projeção da anima, também o homem pode servir para a projeção do duplo masculino, e vice-versa na mulher. O duplo, tanto quanto a anima/animus, pode fazer parte da função transcendente. (WALKER, 1994, p. 60)

Ele explica que a projeção do duplo leva ao amor entre pessoas do mesmo sexo, mas como um “espírito do amor”, não levando obrigatoriamente à homossexualidade. Ele se dá também na amizade fiel, “marcada por uma profunda igualdade e familiaridade, por um partilhar misterioso e alegre de sentimentos e necessidades, por um entendimento dinâmico e intuitivo” (WALKER, 1994, p. 61-62). Para ele, o entendimento do duplo pode levar a um novo entendimento sobre fenômenos humanos, entre eles a homossexualidade.

## 4. HOMOSSEXUALIDADE, CULTURA E ARQUÉTIPO

Sobre o enfoque dado pela psicologia à questão de relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, López-Pedraza (1999) diz que:

na psicologia moderna, o enquadre conceitual situou a homossexualidade dentro de um causalismo estéril que tenta entender esse fenômeno em termos da história pessoal. Sem dúvida, a psicologia tem visto a homossexualidade debaixo da pressão imposta pela repressão da cultura ocidental, e tem-se mostrado incapaz de vê-la em relação com a natureza do homem, com sua biologia, expressa através das possibilidades dos diferentes arquétipos. Nesse sentido, uma visão arquetípica do homoerotismo tem feito falta. [...] Sem pretender avaliar-julgar a abordagem causalista científica, ela não obstante impede o trabalho de rastrear o aparecimento de outros arquetípicos que, ao longo da vida, podem apoderar-se do relacionamento entre homens. (LÓPEZ-PEDRAZA, 1999, p. 48)

Os tópicos já apresentados, bem como os que se seguem, tentam mostrar que, apesar de a verificação acima ainda ser atual, há autores que estão procurando novas formas de enxergar a homossexualidade.

### 4.1 QUESTÕES SOCIAIS E CULTURAIS ENVOLVIDAS NO CONCEITO DE HOMOSSEXUALIDADE

Vários autores falam das muitas sexualidades e muitas homossexualidades. Há uma grande variação no comportamento sexual e considera-se atualmente que ele não seja sempre específico e objetivo, tanto para a heterossexualidade como para a homossexualidade. O que se quer dizer com isso é que alguém pode ser desde cem por cento heterossexual até cem por cento homossexual, mas que é possível encontrar todas as variações nessa porcentagem; acredita-se também que alguém pode ter experiências contrárias à sua sexualidade, sem que isso defina sua

identidade sexual. Isso se verifica em autores psicanalistas contemporâneos, que partem da idéia freudiana de que todos são em princípio bissexuais, mas também em discussões de antropólogos, sociólogos e autores de outras formações que escrevem sobre o assunto. (TREVISAN, 2007; PATERNOSTRO, 1999; ISAY, 1998; CASTAÑEDA, 2007)

Castañeda (2007) fala dessas possibilidades e ressalta essa distinção entre práticas sexuais e identidade sexual. Cita como é diferente a forma como se trata a homossexualidade em culturas diferentes, mesmo sendo todas ocidentais. É diferente ser homossexual na França ou nos Estados Unidos, e é mais distinto ainda comparar um desses países com qualquer outro na América Latina; pois, genericamente, o preconceito com os homossexuais parece ser maior nestes países, o que costuma causar mais problemas em “sair do armário”, tanto com amigos como com família como para si mesmo, aumentando as dificuldades de auto-aceitação.

É também possível dizer que ser homossexual, bem como a atitude da sociedade quanto à homossexualidade, muda em cada cultura ou ambiente; entre um país e outro, entre uma cidade e outra num mesmo país, entre um bairro e outro dentro da mesma cidade (CROMPTON, 2006; TREVISAN, 2007). Basicamente, pode-se dizer que ser gay em Nova Iorque será diferente de sê-lo em São Francisco ou numa cidade no Texas, já que naquelas há grande aceitação e homossexuais são apenas cidadãos como outro qualquer, e o estado citado é o um dos que tem mais crimes de preconceito. Como é diferente, se pensarmos no Brasil, ser homossexual em São Paulo e no Rio de Janeiro, que têm maior aceitação da comunidade LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais, incluindo uma estrutura de atendimento turístico voltada para esse público, de sê-lo em Recife ou em Fortaleza, onde a aceitação é menor, e diferente de ser homossexual em qualquer cidade do interior. Trevisan (2007) ressalta que as distinções na forma de viver a homossexualidade não variam somente com a sociedade, mas que há distinções no modo de cada um viver sua homossexualidade, o que invalida qualquer tipo de generalização:

No Brasil, é arriscado referir-se a uma “comunidade guei”, tal como se pode fazer nos Estados Unidos, por exemplo. Nossas expressões de homossexualidade são tantas, e com tal diversidade, que chegam a ser conflitantes. Numa mesma categorização tendem a se misturar discrepantemente homossexuais de todas as classes, profissões e estilos, desde profissionais de renome até pessoas à margem de tudo. Assim temos um campeão de corridas com barreiras [...], e um jogador de vôlei, [...] homenzarrão de 2 metros [de altura]. (TREVISAN, 2007, p. 408).

Por que falar nas distinções e questões culturais quando se fala de homossexualidade? Porque essas questões, bem como as várias formas em que a homossexualidade aparece, fazem parte de muitos dos estudos que falam do tema, especialmente os que não a patologizam. Fato é que, apesar de o homossexualismo (e esse era o termo usado, por isso tem sido rechaçado pela comunidade LGBT) ter sido retirado do DSM na década de setenta, a psicologia nem sempre o trata como natural. A partir do movimento de despatologização, as linhas teóricas têm tentado entender o que é a homossexualidade e como trabalhar com pacientes homossexuais, e para isso é preciso entender essas questões para não trabalhar apenas com conceitos baseados em estereótipos.

#### 4.2 HOMOSSEXUALIDADE E ANDROGINIA NA MITOLOGIA E NA MÍDIA

Na mitologia grega há imagens que projetam arquétipos de homossexualidade. Os mitos mais citados pelos autores neste tipo de discussão são as relações entre deuses e homens, como Zeus e Ganimedes, Apolo e Narciso, e entre os heróis e seus amantes que lutam lado a lado, como Aquiles e Pátroclo e, por vezes, Hércules e Iolau. Alguns deuses, heróis e jovens aparecem como andróginos, com características tanto masculinas como femininas; entre eles ressaltam-se o jovem Ganimedes, muitas vezes considerado como mais feminino dos imortais, Dioniso, o próprio Zeus e Hermes/Mercúrio (HOPCKE, 1993a; JACKSON, 1994, 1996; LINGIARDI, 2002; LÓPEZ-PEDRASA, 1999; MONICK, 1993).

A relação entre Zeus e Ganimedes é umas das mais citadas quando se fala em homossexualidade na mitologia. O senhor dos deuses, e amante de muitas mulheres, se apaixona ardentemente pelo jovem e belo Ganimedes, príncipe de Tróia. Zeus se transformara em águia para mergulhar à Terra e raptar o mais belo dos jovens para ser também seu amante. Ganimedes, já no Olimpo, torna-se substituto de Hebe, deusa da juventude, no trabalho de servir néctar e ambrosia aos deuses. Tudo isso provoca imenso ciúmes em Hera, esposa de Zeus. Para que nunca perca sua beleza, Zeus imortaliza Ganimedes na constelação de Aquário. (LINGIARDI, 2002; OVÍDIO, 1999; CROMPTON, 2006)

Lingiardi (2002) fala da união desse casal como a típica imagem da *coniunctio oppositorum*, a união dos opostos psíquicos *puer* e *senex*, numa tentativa de equilibrar as tensões. Esse tipo de relação homoerótica *puer-senex* pode ser ou não sexualizada, e muitas vezes é visto como um “rito de iniciação” do jovem pelo homem mais velho, encontrado também em histórias como de Apolo e Jacinto ou Hércules e Iolaus. Segundo o autor, outros povos têm mitologias com ritos de iniciação homoeróticos, como antigos povos germânicos, povos da Melanésia, Nova Guiné e Japão medieval. Para ele, a história de Batman e Robin é casal masculino símbolo atual desta união mitológica. (LINGIARDI, 2002)

Há ainda muitos outros exemplos, dependendo da cultura que se leva em consideração. Jackson (1994, 1996) e Hopcke (1993a) citam casos em várias culturas, com destaque para tribos americanas nativas, mas sem deixar de mencionar culturas de outros continentes. Eles falam sobre como cada cultura lida diferentemente com o homoerotismo e com a homossexualidade, sendo esta exclusiva ou não; pode ser atitude de rechaço, de aceitação ou de uma obrigação ritualizada; de certos tipos específicos de relacionamentos ou atividades homossexuais, muitas inclusive para proporcionar ao jovem a virilidade, recebendo-a de alguém mais velho e mais experiente. (CROMPTON, 2006; JACKSON, 1994, 1996; HOPCKE, 1993a).

O arquétipo de Hermes/Mercúrio talvez seja o mais independente de sexualidade e o mais representativo como símbolo do arquétipo andrógino/hermafrodita que representa a união dos sexos em um só ser, nele se verifica a possibilidade andrógina em cada um e todos os indivíduos. Seu arquétipo

é também diretamente relacionado com sua representação alquímica (OC 12; OC 14; MONICK, 1993; SINGER, 1991)

A presença da homossexualidade e do homoerotismo em suas várias formas também é verificada na literatura e no cinema (HOPCKE, 1993a, 1993b; JACKSON, 1994, 1996; TREVISAN, 2007; GLAAD'S 2010).

Hopcke discute, em termos arquetípicos, o simbólico do feminino e do masculino no filme *O Mágico de Oz*. A intenção aqui não é procurar as minúcias na mídia sobre homossexualidade, mas discorrer sobre algumas mudanças nas últimas décadas, em especial após os anos 70 com os movimentos do feminismo e de liberação gay, principalmente no referente à quantidade e qualidade dos personagens homossexuais na mídia. O que se vê atualmente (basta uma rápida pesquisa na internet) é um aumento considerável na produção de filmes e seriados com temática gay, feitas para o público homossexual. Há toda uma gama de filmes e seriados de produtoras específicas para o público homossexual, muitas vezes aliadas a canais de tv que também são voltados para este público (como o canal americano *Here!*).

Em filmes mais antigos (com suas exceções, claro) voltados para o público em geral, raramente um dos personagens é homossexual e, quando o é, normalmente um é clichê: efeminado ou transtornado com sua sexualidade no armário. Nos filmes de produtoras GLS (ou LGBT) há desde comédias a filmes de terror, passando por aventura, comédia romântica e ficção. O diferencial é que o personagem principal ou os principais são homossexuais, ou o casal romântico principal é homossexual (podem ser homens ou mulheres). Eles se preocupam também com a grande variabilidade existente no “mundo gay”, tratando seus personagens desde o mais efeminado até o mais masculino, desde a mulher mais masculinizada até a mais feminina. A preocupação pode ser de mostrar o drama de um adolescente que se descobre homossexual e todos os seus problemas internos e externos, incluindo família, escola ou trabalho e amigos; mas também pode focar o relacionamento de um ou mais casais. É importante ressaltar que toda essa nova produção se deve à diferença entre canais voltados para o público LGBT que não são canais pornográficos, como foi o caso dos primeiros.

Esse tipo de canal foi o que impulsionou a produção também de propagandas para os mesmo. Várias marcas, que vão de vestuário, jóias e perfumes a bebidas alcoólicas e veículos automotivos, se preocuparam em lançar propagandas em que os personagens principais são homossexuais ou casais homossexuais, muitas vezes idênticas às propagandas com casais heterossexuais, por exemplo, D&G, Levis, Renault e Guinness (a cerveja).

Também se verifica um aumento de personagens homossexuais ou bissexuais nas séries televisivas americanas em canais não voltados a público específico. E eles parecem ser retratados de forma cada vez mais natural e mais condizente com a realidade. Há conflitos sobre a sexualidade em várias idades, questões de relações familiares, discussão de direitos de casamento e adoção. (GLAAD'S 2010)

Todas essas representações podem manifestar, além de sua questão sócio-política de aceitação, que as sexualidades em sua fluidez e com todas suas possibilidades são arquetípicas e estão retornando à humanidade, possivelmente rumo à androginia, como citado por Singer (1991) e Jackson (1994). É interessante notar que Singer retoma, entre outros, o texto do Banquete de Platão para falar do arquétipo andrógino. Nele a história diz que em outra época havia três sexos/gêneros humanos e não apenas dois. Eram o masculino, filhos do Sol; o feminino, filhas da Terra; e o andrógino, filhos da Lua. Cada ser era formado de quatro braços, quatro pernas e duas faces (PLATÃO, 1966). De acordo com Platão (1966), os homens tentaram atacar os deuses escalando até os céus. Os deuses ofendidos queriam resolver o problema sem dizimar os humanos como fizeram com os gigantes, pois perderiam seus cultos e veneração. A decisão de Zeus foi de dividir cada ser em duas partes, tornando-os mais numerosos, porém enfraquecendo-os.

Assim divididos, sua natureza fez com que cada ser procurasse sua metade e, quando se encontravam, abraçavam-se num desejo incontrolável de se unirem novamente. Com isso morriam de fome e inanição porque não queriam fazer nada separados. Quando uma metade morria, a sobrevivente ia a procura de outra e enlaçava-se com esta, e assim o ciclo continuava, extinguindo a humanidade aos poucos. Foi então que os órgãos de procriação foram colocados para frente, por

ordem de Zeus. Dessa forma, quando um homem encontra uma mulher, há procriação. Quando um homem encontra outro homem há saciedade (PLATÃO, 1966).

Nesse conto, Platão (1966) verifica que há na humanidade tanto amor entre homem e mulher, advindos do ser andrógino, gênero não mais existente, como há amor entre pessoas do mesmo sexo, advindos dos gêneros masculino e feminino originais. Para as mulheres que descendem do feminino inicial, não há desejo pelos homens. No próprio texto de Platão (1966) é possível verificar como já havia certo preconceito com a homossexualidade masculina, pois quando fala da união de prazer entre dois homens, ele diz que

Há quem pretenda que eles não têm vergonha. Não é verdade: pois não é por imprudência, mas por audácia, coragem e virilidade, que eles assim procedem, amando o que lhes é semelhante. E eis uma prova decisiva: quando atingem seu completo desenvolvimento, os jovens que possuem essa natureza, são os únicos a se portarem como verdadeiros servidores do Estado. Quando, um pouco mais velhos, praticam a pederastia e não demonstram o mínimo desejo de contrair matrimônio e de ter filho. Se casam, fazem-no unicamente para ceder à opinião pública, que a isso os obriga, pois para eles basta apenas viver com seus amados. (PLATÃO, 1966, p. 97)

Platão (1966), portanto, considera tanto o amor heterossexual quanto o homossexual como inatos e relativos aos princípios da humanidade. Vale ressaltar que sua visão do andrógino como lunar e o feminino como terrestre difere do conceito bastante comum quando se fala de arquétipo, que considera o feminino como lunar (STEIN, 1998). Há outros mitos em que o próprio nascimento da lua se dá numa relação entre dois homens (JACKSON, 1994).

A androginia parece realmente uma questão bem atual. No meio do movimento *emo* ou dos *coloridos*, que dizem transcender os rótulos sexuais, aparece como celebridade e maior estrela pop atual Lady GaGa. Ela exerce fascínio na juventude atual não só por suas músicas eletrônicas e por ser a *outsider* que chegou à fama, mas também por seu visual andrógino de roupas extravagantes.

Ao lado disso, o que se tem são os super-heróis, há mais de setenta anos nos quadrinhos e há algumas décadas na televisão e cinema. Knowles (2008) afirma que

os super-heróis são espécie de substitutos dos mitos e deuses na atualidade, cultuados por muitos, inclusive, e arquetipicamente semelhantes. Ele não diz que esses super-heróis são andróginos, mas é fácil verificar isso na descrição dos personagens. O super-homem tem força masculina ao extremo, mas também é sensível, atributo normalmente considerado feminino. Os magos dos quadrinhos costumam ser homens de aspecto viril, por vezes sedutores, mas são (ou eram inicialmente) ligados ao ocultismo e à natureza. Mulher-Maravilha e Capitão Marvel são auxiliados por deuses e deusas. No caso dela, em sua versão original, é criada sem pai e é Afrodite quem lhe dá vida; mas ela “tem a beleza de Afrodite, a força de Hércules, a sabedoria de Atena e a velocidade de Mercúrio” (p. 182), atributos tanto masculinos quanto femininos (KNOWLES, 2008).

Além disso, como arquétipo tanto andrógino como homossexual, tem-se a figura de Batman. Na versão com seu companheiro jovial Robin, há inúmeras críticas e discussões da relação homoerótica entre os dois. Na versão Cavaleiro das Trevas, em que Robin não existe, Batman é ambíguo por si só, fazendo supostamente o bem, mas atordoado por seu lado sombrio. Ele aparece “acima do bem e do mal”, mas claramente contendo os dois em si e vivendo em uma luta eterna (KNOWLES, 2008; LINGIARDI, 2002).

## 5. DISCUSSÕES

“Tenho imaginado se a questão de preferência sexual poderia ser resolvida por uma fórmula simples [...]. A tentativa de ordenar a quem um homem deve amar é teologia perversa. É a contrapartida psicológica do monoteísmo, dominado pelo triunfalismo, exigindo aderência ao verdadeiro e único deus do patriarca”.

Eugene Monick (1993, p. 155)

### 5.1 SOBRE AS QUESTÕES DE MASCULINO-FEMININO E ANIMUS-ANIMA

As contradições sobre os conceitos de masculino-feminino e *animus-anima* se dão mesmo entre os autores de mesma linha teórica. Whitmont (1990) caracteriza o yin-feminino como “indiferenciado e coletivo” (p. 154), enquanto Jung diz que “para o homem, o geral precede o pessoal” (OC 7/2 §338), que o mundo do homem é voltado para o coletivo.

Whitmont (1990) faz referência a problemas mundiais relativos ao medo da *anima*. Ele fala sobre “degradação das mulheres” no decorrer da história, e isso é bastante fácil de verificar, e que atualmente

esse medo se exprime na masculinização do mundo e na depreciação do feminino que é exclusivamente definido em termos de maternidade e serviços domésticos e, portanto, no declínio da verdadeira auto-estima da mulher como mulher, e não como imitadora do funcionamento do homem. O fracasso para integrar culturalmente o mundo do Yin [feminino-anima] conduziu à difundida rigidez de atitudes mentais dogmáticas abstratas, resultando na nossa sociedade atual, que é estéril, dissociada do sentimento e do instinto e super-racionalista. Também a psique objetiva compensa coletivamente em todas as expressões da psicologia e das psicoses de massa e psicoses de ódio, que, inexplicavelmente surgem a todo instante em nosso mundo moderno ‘esclarecido’ e ‘sensato’. (WHITMONT, 1990, p. 177-178)

É possível ver esses aspectos de outra forma. A “masculinização do mundo” na verdade pode ser visto como uma caminhada das mulheres, muito potencializadas pelas lutas feministas desde a década de 60, numa luta de direitos que reflete uma maior integração do masculino por parte delas, um contato com seu Yang. Da mesma forma, é preciso notar que os homens foram chamados a cuidar da casa (tanto morando sozinhos como com companheiros ou companheiras) e dos filhos. São também exigidos quanto ao corpo e beleza, o que veio com o título de metrossexualidade. E não são mais impedidos (via de regra) de expressar sentimentos; muitas vezes são até cobrados por suas esposas que sejam mais sentimentais. Assim como a mulher tem assumido papéis antes destinados ao homem na sociedade ocidental, também o homem tem ocupado funções ou parte das funções antes exercidas exclusivamente pelas mulheres. Se isso puder se dar de forma harmônica, é possível chegar a um equilíbrio, a uma *coniunctio* tanto pessoal como de casal. Portanto, desde que as mulheres consigam manter o Yin/feminino, sem se perder nessa chamada masculinização, estarão mais próximas do arquétipo andrógino/hermafrodita e de sua totalidade; e o mesmo é válido para os homens, ao entrar em contato com essa energia Yin/feminina sem perder a Yang/masculina, estão mais perto de seu potencial andrógino.

Faz sentido dizer que uma mulher intolerante e de idéias inflexíveis esteja tomada pelo *animus* (WHITMONT, 1990, p. 179), mas que um homem intolerante e inflexível não o esteja? Se as características de rigidez, dogmatismo, agressividade e sentimento de posse, bem como ser regido por preconceitos, expectativas pré-concebidas, fazer argumentados e hipergeneralizações são constelações do *animus* na mulher, o que um homem com essas características está constelando?

Se pressupormos que essas características são masculinas (desconsiderando assim que a passividade também pode ser agressiva e feminina bem como sentimento de posse), então está mostrando um lado masculino inferior, um Yang não equilibrado; mas isso não é o mesmo que dizer que isso é um *animus* constelado? Sem falar a consideração de que uma mulher “argumentadora” é algo ruim, desconsiderando que ela pode argumentar com sentido e razão. Da mesma forma, dizer que um homem com sintomas de depressão, insegurança e retraído é

dominado pela *anima* parece simplista. O que dizer quando uma mulher está sob essas condições, que é de sua natureza ser deprimida e insegura?

E é preciso lembrar que “acessos de paixão” (WHITMONT, p. 172) são considerados identificação do homem com a *anima* também, assim como “retraimento meditativo”, sem considerar que este último pode ser algo bom e que todas as características mencionadas neste parágrafo podem aparecer tanto nos homens como nas mulheres. Elas só são funcionais se forem classificadas no sentido em que o próprio Whitmont (1990) utiliza, sendo feminino=yin e masculino=yang, como potências, categorias, possibilidades. É preciso que essa classificação não seja masculino=homem e feminino=mulher, pois isso apenas retorna a estereótipos da cultura ocidental.

Quanto à idéia de Wher (1994) de que a primeira projeção é sempre para a mãe, e, portanto, a teoria de *anima* funcionaria melhor e para ambos os sexos, podemos questionar se, nos países em que casamento entre pessoas do mesmo sexo é possível e a adoção também, essa teoria ainda seria possível quando pensado em um casal de dois homens. Possivelmente as primeiras projeções desses bebês se darão para um homem, já que em casa os homens são as possibilidades de projeção. Há propagandas do governo americano que afirmam também a não relação entre parentesco e sexualidade, que estudos (eles não especificam os estudos e ainda não os encontrei) mostram que casais homossexuais não criam obrigatoriamente filhos homossexuais.

Uma forma de tentar trabalhar arquetipicamente o tema é levar em conta a teoria de Singer (1991), revalidada por Hopcke (1993a; 1993b), de que há sim algo de essencialmente feminino, bem como algo essencialmente masculino, mas sem desconsiderar que boa parte do que se acredita ser essência é, na verdade construção sócio-cultural. Desta forma, não se desconsidera a teoria de *anima* e *animus*, mas a relativiza; levando em conta que os dois são dinâmicos e se apresentam de várias formas. Mas também fica mais preciso se aceitar o arquétipo do duplo, proposto por Walker (1994) como o contraponto interno da *anima/animus*; com o processo de individuação, é possível equilibrar esses aspectos internos, tanto masculino como feminino, o que levaria ao entendimento do arquétipo andrógino, como idealizado por Singer (1991).

Outra possibilidade é pensar que o duplo da *anima* seria o *animus*, e vice-versa, já que aquele é o auxiliar interno do mesmo sexo e esses são o interno contrassexual. Desta forma, é possível conceber que *anima* e *animus* existem tanto em homens como em mulheres; já que parece consenso que tanto masculino como feminino existem em cada um de nós. Isso não exclui a idéia de que o caminho final é uma androginia psíquica, como propõe Singer (1991) e mesmo Jung quando fala da união do masculino e feminino (OC 14).

Outra sugestão é baseada no conceito de *anima* de Hillman (1994), uma forma bastante distinta de entender a alma humana, mas da forma sugerida pelos autores, provavelmente levaria a desconsiderar a idéia original de *animus-anima* (LINGIARDI, 2002; WEHR, 1994).

Por último, algo ainda não sugerido na literatura, é entender que masculino e feminino não são arquétipos essenciais em si, mas dois aspectos do mesmo arquétipo. Parte-se do princípio de que a única essência masculina ou feminina é a efetivamente biológica, que as qualidades e características de cada sexo são, na verdade, constructos sócio-culturais internalizados e que certamente afetam consciente e inconsciente pessoal e coletivo. As diferenças são criadas pela necessidade humana da distinção, e arquetipicamente pela necessidade da separação ou criação de oposição; mas que só se sentirá completo ao se re-unir. Então o que existe como arquétipo é o andrógino, e masculino e feminino seriam dois aspectos deste andrógino que precisam ser trabalhados internamente para alcançar o equilíbrio.

Nenhuma dessas formas parece dar uma resposta definitiva, principalmente no que se trata de homossexualidade ou qualquer sexualidade que não a heterossexual exclusiva. Os autores ressaltam que é preciso desvincular a idéia de que a homossexualidade é uma identificação com o arquétipo contrassexual interno, *animus* ou *anima*, (HOPCKE, 1993a, 1993b; HOPCKE, 1994; LINGIARDI, 2002; McKENZIE, 2006).

## 5.2 SOBRE JUNG E A TEORIA CLÁSSICA DE HOMOSSEXUALIDADE

Von Franz não parece considerar homossexualidade como ‘normal’ e sim como patologia, mesmo de forma indireta. Quando fala de homossexualidade e don-juanismo, vê um suposto aumento da homossexualidade masculina, sugerindo inclusive que seria um problema de nosso tempo [ou do seu tempo, neste caso] relacionado diretamente a uma maior dependência dos filhos de suas mães. Imagina-se o que ela diria nos dias de hoje, visto que a adolescência parece estar ultrapassando qualquer limite anteriormente conhecido, com homens de mais de trinta anos morando com suas mães e agindo efetivamente como adolescentes. Não seria então de se esperar que o número de homossexuais fosse muito maior? No entanto, o que parece ocorrer é apenas uma maior liberdade para viver sua sexualidade, sem a obrigação de um casamento de fachada, como acontecia anteriormente. O número em porcentagem da população não parece ter sido alterado.

Tudo o que Von Franz, Samuels e Sanford (2002) citam como possíveis causas de homossexualidade (problemas de relacionamento mãe e filho ou pais ausentes, para lembrar as principais) são questões que podem aparecer em heterossexuais, sem que isso seja, portanto, condição *sine qua non* para a homossexualidade. Vale ressaltar que os autores de teorias mais atuais sobre homossexualidade, verificam que há casos em que a infância acontece de forma bastante ‘normal’, com os devidos limites e amor dos pais, e o adulto seja homossexual<sup>10</sup>. Os ‘problemas’ de relacionamento dos heterossexuais com seus pais são os mesmos dos homossexuais, mas isso parece não ser levado em conta na maior parte das teorias. As questões como pais ausentes ou mães super-protetoras, bem como o contrário, aparecem em grande número de pacientes, independente de sua orientação sexual. (McKENZIE, 2006; ISAY, 1998; CASTAÑEDA, 2007; TREVISAN, 2007; PATERNOSTRO, 1999)

---

<sup>10</sup> Um caso interessante é citado pelo psicanalista Richard Isay (1998), em que o mesmo diz ter se espantado e incrédulo quando um paciente homossexual dizia ter tido uma infância bastante feliz e satisfatória, e que seus pais foram amáveis. Nota depois que os relatos do paciente são reais e não uma imagem ilusória de uma infância idealizada como algum tipo compensação; e verifica no decorrer de sua prática terapêutica que estas situações não são apenas possíveis, mas até comuns.

O que Sanford (2002) classifica como homens que viveram uma vida “heterossexual satisfatória” parece estar mais relacionada a um homem bissexual que, por questões sociais e culturais, decidiu casar e ter filhos, mas não se contenta com a vida heterossexual apenas. Ou mesmo do que os gays chamam de ‘homossexual enrustido’, aquele que teve medo ou receio de assumir sua (homos)sexualidade e, portanto, seguiram também o caminho esperado pelos seus pais e sociedade, e saem em busca de aventuras sexuais em algum ou alguns momentos da vida. É conclusão de Sanford que num homem efeminado, em que está a tal identificação com a *anima*, o resultado é um ‘ego hermafrodítico’ cria certa confusão, principalmente ao ressaltar que esse tipo de homem é exclusivamente homossexual. Sua afirmação de que não podem ter relações heterossexuais “porque os opostos não podem relacionar-se nem unir-se enquanto não tiverem sido separados e distinguidos um do outro”, ou seja, de que não há identificação do homem com o masculino não é verificada na maioria dos casos na prática clínica. E mesmo que fosse o caso de uma identificação com o feminino o ego ‘hermafrodítico’, por ele descrito, seria de caráter mais dual; portanto teria mais sentido ao falar de uma pessoa bissexual do que num homossexual, principalmente se relacionado ao trecho em que o autor sugere que:

Pode ser que certo número de homens em cada geração sejam escolhidos, de alguma maneira, pelo inconsciente [coletivo] para viver a vida de uma forma tão hermafrodítica, que são destinados, como já disse Jung, a rejeitar a identificação com “o papel da sexualidade unilateral” (OC 9/1 §146), como se quisessem lembrar-nos de que ninguém é exclusivamente masculino ou feminino, mas que cada um de nós possui uma natureza andrógina. (SANFORD, 2002, p. 132)

Vale ressaltar que o parágrafo citado de Jung (OC 9/1 §146) por Sanford (2002) não possui o mesmo sentido sugerido por este. Aliás, essa é a maior crítica ao trabalho dos autores da psicologia analítica que patologizam a homossexualidade; eles parecem ater-se apenas a uma frase e não a todo o parágrafo, que indica uma postura de não julgamento de Jung, assim como em outros momentos de sua teoria. Apesar disso, essa postura de aceitação, ou pelo menos dúvida, nem sempre está presente na obra de Jung. Há momentos em que fica claro sua postura condizente com a sociedade da época, de que a

homossexualidade está fora da norma e é uma doença: A continuação da citação acima é que “a palavra amor precisa ser mais ampliada ainda a fim de cobrir todas as *perversões da sexualidade*” (OC 10 §203), que indica a homossexualidade como patológica, bem como em: “Ora, o mal que se quer tratar é o homossexualismo” (OC 7 §179). Também relaciona que uma mulher pode se identificar com o *animus* e assim se tornar frígida, ter uma “sexualidade agressiva e exigente, própria do homem” e/ou tornar-se homossexual (OC 10 §246).

A postura de Jung é ambígua e muitas vezes baseada em estereótipos, o que pode dar uma leitura de patologização na sua teoria; o que fizeram muitos autores da psicologia analítica. Vale ressaltar que estes estereótipos ocorrem até as épocas atuais, pelo menos na América Latina, e causam problemas inclusive no trato de terapeutas com seus pacientes.

### 5.3 QUAL O TRABALHO DO TERAPEUTA?

Essas questões ainda precisam ser mais bem estudadas e repensadas. O que precisa ser respondido ainda neste trabalho é se há algo de diferente no trabalho com paciente heterossexual e homossexual? E qual então o papel do terapeuta ao tratar um paciente homossexual?

Alguns autores ressaltam que, principalmente em sua prática clínica, o que se verifica muitas vezes, talvez em sua maioria, são relações de características bastante masculinas quando se trata de relacionamentos homossexuais entre homens (CASTAÑEDA, 2007; HOPCKE, 1993a; ISAY, 1998; LINGIARDI, 2002; MONICK, 1993) e características muito femininas entre duas mulheres (CASTAÑEDA, 2007; MCKENZIE, 2006).

Tanto autores da psicologia analítica como de outras abordagens que tratam de homossexualidade ressaltam que é preciso acabar com os estereótipos de que um homem gay é efeminado e a mulher é masculinizada. Além desses, também se faz necessário acabar com outros estereótipos comumente relacionados aos

homossexuais, como a idéia de que homossexuais (especialmente os homens) seriam mais promíscuos e solitários, que a homossexualidade estaria aliada à pedofilia; que nas relações homossexuais, como reflexo das relações heterossexuais, é necessária e inevitável a presença de um indivíduo que faça o papel feminino (passivo) e outro o papel masculino (ativo).

Nada disso parece ser definitivamente verdadeiro, ao contrário, o divórcio parece aumentar consideravelmente em muitos países enquanto relacionamentos de pessoas do mesmo sexo podem ser ou não estáveis, da mesma forma que os relacionamentos heterossexuais. O papel masculino e feminino, como se um fosse o homem e o outro a mulher do casal de mesmo sexo, raramente é verificado; mesmo quando parece ser o caso, a dinâmica do casal costuma apresentar uma plasticidade nas atitudes pessoais quanto ao que é considerado culturalmente masculino ou feminino, tanto na prática sexual em si quanto nas atitudes diárias (CASTAÑEDA, 2007; HOPCKE, 1993a, 1993b, 1994; ISAY, 1998; McKENZIE, 2006).

Depois desse entendimento, é necessário que o terapeuta saiba como lidar com questões específicas de pacientes que têm qualquer sexualidade que não a exclusivamente heterossexual, pois o principal trabalho, ou pelo menos o primeiro trabalho, geralmente é de acabar com a homofobia internalizada (CASTAÑEDA, 2007; HOPCKE, 1994; ISAY, 1998; LINGIARDI, 2002; McKENZIE, 2006).

## 5.4 CONCLUSÕES

Chama bastante atenção o fato de a maior parte dos livros e artigos que tratam sobre a homossexualidade na psicologia analítica, principalmente os mais atuais, não terem tradução para a língua portuguesa (brasileira). E os livros mais antigos, que foram traduzidos e editados em português já não são reeditados há mais de dez anos, o que os tornam verdadeiras relíquias. A questão é se há um aparente descaso ou desinteresse da comunidade junguiana no Brasil, e por consequência as editoras não têm interesse financeiro em traduzir e editar ou reeditar essas obras? Fato é que estudar o tema se tornou difícil por essas circunstâncias, e elas parecem refletir uma desimportância dada ao tema em nosso país.

As questões relativas à homossexualidade têm ocupado lugar central na mídia, pois está relacionado a várias questões políticas. Há poucos dias (final de julho de 2010) a Argentina foi o primeiro país na América Latina a reconhecer união de pessoas do mesmo sexo com os mesmos direitos de casais heterossexuais. Isso provocou todos os tipos de reações entre a população do Brasil, inclusive demonstração de que a homofobia está clara e presente no país (algo verificado facilmente em qualquer site em que colunistas tenham elogiado a posição argentina sobre o caso e a repercussão nos comentários). E logo depois (início de agosto de 2010), a Receita Federal do Brasil decide que um companheiro ou companheira de mesmo sexo pode ser declarado como dependente na declaração de imposto de renda, desde que comprovada a união estável por mais de dois anos; a pergunta que fica é “como?”, já que a união de pessoas do mesmo sexo não é reconhecida no país. Ao lado disso, os assuntos citados na introdução deste trabalho, que explicitam ao mesmo tempo uma abertura para a aceitação das possíveis sexualidades que não a heterossexual e, ao mesmo tempo, uma psicóloga se engaja numa tentativa de “curar os homossexuais” para excluir o “gayzismo” do mundo, numa postura claramente influenciada pelos seus preceitos religiosos e não por seus estudos de psicologia. Vale lembrar que ela foi apenas repreendida pelo CFP e continua com sua proposta, inclusive em seu blog.

Frente a essas questões, não há mais como os analistas junguianos se eximirem de discutir o assunto. E, de acordo com o material que foi possível revisar para este trabalho, está claro que a postura clássica, que patologiza (mesmo que indiretamente) toda sexualidade que não a heterossexual, já não faz mais sentido. Ela é um fruto muito mais de questões sociais e culturais de sua época, com todos seus preconceitos, do que uma teoria que possa ser comprovada. As teorias mais atuais dos autores junguianos entendem a homossexualidade – ou qualquer outra orientação sexual – como uma possibilidade normal e estão livres de preconceitos. É preciso entendê-las e encontrar um ponto comum, possivelmente relacionado com o arquétipo andrógino.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Gustavo. Conferência: **Psique e Imagem**. In: Curso de extensão em Psicologia Junguiana PUC-RS e Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul – AJB. [Porto Alegre], 2004. Disponível em <[www.ijpr.org.br/doc/artigos](http://www.ijpr.org.br/doc/artigos)>. Acesso em: 03 ago. 2010.

CAMBRIDGE Learner's Dictionary. [Copenhagen]: Cambridge University Press, 2001. CD-ROM.

CASTAÑEDA, Marina. **A Experiência Homossexual**. 1ª ed. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

CROMPTON, Louis. **Homosexuality & Civilization**. 1<sup>st</sup> ed. [Massachusetts]: Harvard University Press, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**: versão 5.0. São Paulo: Editora Positivo, [200?]. CD-ROM.

HILLMAN, James. *Anima – Guia da Alma*. In: DOWNING, Christine. (Org.) **Espelhos do Self**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 44-45.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**: versão 2.0a. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007. CD-ROM.

HOPCKE, Robert H. **Jung, Junguianos e a Homossexualidade**. 1ª ed. São Paulo: Siciliano, 1993a.

\_\_\_\_\_. Homophobia and Analytical Psychology. In: HOPCKE, Robert; CARRINGTON, Karin L & WIRTH, Scott. (Org.) **Same-sex love and the path to wholeness**. 1<sup>st</sup> ed. Boston: Shambala, 1993b. p. 68-87.

\_\_\_\_\_. O relacionamento homossexual como veículo para a individuação. In DOWNING, Christine. (Org.) **Espelhos do Self**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 137-142.

GLAAD's 14th Annual Diversity Study Previews the 2009-2010 Primetime Television Season. **Where are we on TV?** [Los Angeles]: [s.n.], 2010.

ISAY, Richard A. **Tornar-se Gay: O caminho da auto-aceitação**. 1ª ed. São Paulo: Summus, 1998.

JACKSON, Graham. **A tradição secreta da jardinagem: padrões de relacionamentos masculinos**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1994.

\_\_\_\_\_. **Os mistérios da sala de estar: padrões de relacionamentos masculinos (II)**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1996.

JUNG, C.G. Freud e a Psicanálise. In: **Obras completas vol IV**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990a.

\_\_\_\_\_. Tipos Psicológicos. In: **Obras completas vol VI**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990b.

\_\_\_\_\_. Eu e o Inconsciente. In: **Obras completas vol VII/2**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990c.

\_\_\_\_\_. Arquétipos e inconsciente coletivo. In: **Obras completas vol IX/1**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990d.

\_\_\_\_\_. Aion . In: **Obras completas vol IX/2**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990e.

\_\_\_\_\_. Psicologia em Transição. In: **Obras completas vol X**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990f.

\_\_\_\_\_. Psicologia e Alquimia. In: **Obras completas vol XII**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990g.

\_\_\_\_\_. *Mysterium Coniunctio*. In: **Obras completas vol XIV**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990h.

\_\_\_\_\_. *Prática da Psicoterapia*. In: **Obras completas vol XVI**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990i.

JUNG, C. G. & WILHELM, R. **O Segredo da Flor de Ouro: um livro de vida chinês**. 8ª ed. Petrópolis; Vozes, 1996.

JUNG, Emma. **Animus e Anima**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUSTINO, Rozângela A. Homossexuais podem mudar. **Revista Veja**. São Paulo: Ed. Abril, edição 2125, ano, 42, n. 32, p. 15-19, 12 de ago. 2009. Entrevista concedida a Juliana Linhares.

KAUFMAN, Roger. Correspondence – Re: Barry Miller's The analysis of the homoerotic and the pursuit of meaning. [Letter]. **Journal of Analytical Psychology**. Oxford: Blackwell Publishing, n. 54, p. 273-280, 2009.

KNOWLES, Christopher. **Nossos deuses são super-heróis: a história secreta dos super-heróis das revistas em quadrinhos**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

LINGIARDI, Vittorio. **Men in Love: Male Homosexualities from Ganymede to Batman**. 1<sup>st</sup> ed. Illinois: Open Court, 2002.

LÓPEZ-PEDRASA, Rafael. Um conto de Dríope e o nascimento de Pã. In: **Hermes e seus filhos**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1999. p. 145-164.

MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY. [Springfield, MA]: Enciclopædia Britannica Company, 2010. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com>>. Acesso em: 01 ago. 2010.

McKENZIE, Susan. Queering gender: anima/animus and the paradigm of emergence. **Journal of Analytical Psychology**. Oxford: Blackwell Publishing, n. 51, p. 401-421, 2006.

MILLER, Barry. The analysis of the homoerotic and the pursuit of meaning. **Journal of Analytical Psychology**. Oxford: Blackwell Publishing, n. 51, p. 381-399, 2006.

\_\_\_\_\_. Re: Roger Kaufman's Letter to the JAP. In: KAUFMAN, Roger. Correspondence – Re: Barry Miller's The analysis of the homoerotic and the pursuit of meaning. [Letter]. **Journal of Analytical Psychology**. Oxford: Blackwell Publishing, n. 54, p. 273-280, 2009.

MONICK, Eugene. **Falo: a sagrada imagem do masculino**. 1ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

NEUMANN, Erich. **História da Origem da Consciência**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

OVIDIO. **Metamorfosis**. 2ª ed. rev. Madrid: Alianza Editorial, 1999. p. 308.

PATERNOSTRO, Silvana. **Na terra de Deus e do Homem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

PLATÃO. Banquete. In: **Diálogos I**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966. p. 75-127.

ROGAR, S. & BORTOLOTTI, M. A Geração Tolerância. **Revista Veja**. São Paulo: Ed. Abril, edição 2164, ano 43, n. 19, p. 106-114, 12 de maio 2010. Matéria da Capa.

SANFORD, John A. **Os Parceiros Invisíveis**. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2002.

SAMUELS, Andrew. **Jung e os pós-junguianos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SINGER, June. **Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

STEIN, Murray. **Consciência Solar, Consciência Lunar**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1998.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 7ª ed. (6ª ed. rev. amp.). Rio de Janeiro: Record, 2007.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Puer Aeternus**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1992.

\_\_\_\_\_. Puer. In: DOWNING, Christine. (Org.) **Espelhos do Self**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 159-163.

WALKER, Mitchell. O Duplo: O Auxiliar Interno de Mesmo Sexo. In: DOWNING, Christine. (Org.) **Espelhos do Self**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 60-63.

WEHR, Demaris. Animus: O Homem Interior. In: DOWNING, Christine. (Org.) **Espelhos do Self**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 46-59.

WHITMONT, Edward C. **A Busca do Símbolo: Conceitos Básicos de Psicologia Analítica**. 1ª ed. São Paulo, Cultrix, 1990.

\_\_\_\_\_. Anima: A Mulher Interior. In: DOWNING, Christine. (Org.) **Espelhos do Self**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 39-43.

WILHELM, Richard. **I Ching: o livro das mutações**. 23ª ed. São Paulo: Pensamento, 2006.

## NOTÍCIAS DE INTERNET:

PSICÓLOGA CARIOCA QUE OFERECIA TERAPIA DE CONVERSÃO A GAYS PODE TER SEU REGISTRO CASSADO. Disponível em:

<[http://www.redepsi.com.br/portal/modules/newbb/viewtopic.php?viewmode=flat&type=&topic\\_id=1473&forum=23](http://www.redepsi.com.br/portal/modules/newbb/viewtopic.php?viewmode=flat&type=&topic_id=1473&forum=23)>. Acesso em 01 jul. 2010.

PSICÓLOGA PUNIDA INSISTE EM OFERECER CURA PARA HOMOSSEXUALISMO. Disponível em:

<<http://www.isaude.net/pt-BR/noticia/1711/profissao-saude/psicologa-punida-insiste-em-oferecer-cura-para-homossexualismo>>. Acesso em 01 jul. 2010.

DEPUTADO QUER QUE PSICÓLOGOS POSSAM TRATAR E 'CURAR' HOMOSSEXUAIS. Disponível em:

<<http://gay.com.br/2009/07/29/deputado-quer-que-psicologos-possam-tratar-e-curar-homossexuais>>. Acesso em 01 jul. 2010.

A LOOK AT GAGA'S IMPACT. Disponível em:

<[http://www.pressofatlanticcity.com/life/article\\_64605fc1-215b-56aa-b2a3-0391a4dc30a9.html](http://www.pressofatlanticcity.com/life/article_64605fc1-215b-56aa-b2a3-0391a4dc30a9.html)>. Acesso em 05 ago. 2010.

AN ANALYSIS OF LADY GAGA, HER MUSIC, HER IMAGE, AND HER PERSONA. Disponível em:

<[http://www.lastfm.com.br/user/artgeek707/journal/2009/08/19/2y7u7s\\_an\\_analysis\\_of\\_lady\\_gaga,\\_her\\_music,\\_her\\_image,\\_and\\_her\\_persona](http://www.lastfm.com.br/user/artgeek707/journal/2009/08/19/2y7u7s_an_analysis_of_lady_gaga,_her_music,_her_image,_and_her_persona)>. Acesso em 05 ago. 2010